

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL (PROF-FILO)**

**A AULA DE FILOSOFIA COMO ESPAÇO PARA O ENCONTRO COM A
ALTERIDADE DO PENSAMENTO A PARTIR DE DELEUZE E DERRIDA**

NÉLI TEREZINHA RULKA RECKELBERG

**UNIÃO DA VITÓRIA,
JULHO DE 2020.**

NÉLI TEREZINHA RULKA RECKELBERG

**A AULA DE FILOSOFIA COMO ESPAÇO PARA O ENCONTRO COM A
ALTERIDADE DO PENSAMENTO A PARTIR DE DELEUZE E DERRIDA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em filosofia no programa de Pós-graduação em Ensino de Filosofia PROF-FILO da Universidade Estadual do Paraná *Campus de União da Vitória*.

**Área de concentração: Ensino de Filosofia.
Linha de pesquisa: Práticas de Ensino de Filosofia.
Orientadora: Dra. Renata Tavares Noyama.**

**UNIÃO DA VITÓRIA,
JULHO DE 2020.**

Catalogação na publicação elaborada por Mauro Cândido dos Santos – CRB 9ª/1416.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R298a Reckelberg, Néli Terezinha Rulka.

A aula de filosofia como espaço para o encontro com a alteridade do pensamento a partir de Deleuze e Derrida. / Néli Terezinha Rulka Reckelberg -- União da Vitória, 2020.

109 f. : il.:

Orientadora: Profª. Dr.ª Renata Tavares Noyama.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Estadual do Paraná – Campus União da Vitória, Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia – PROF – FILO. União da Vitória, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Ensino. 2. Filosofia. 3. Alteridade. I. Universidade Estadual do Paraná. Programa de Pós – Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia – PROF – FILO. II. Noyama, Renata Tavares. III. Título

CDD: 370
CDU: 371.3:1

Ata da defesa de dissertação de mestrado

Aos 29 dias do mês de julho do ano de 2020, às 10h:00min, via Plataforma online Google Meet, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos (as) professores (as): Renata Tavares Noyama (Orientadora), Samon Noyama (Membro do Programa), Marcelo José Derzi de Moraes (UERJ) e Rafael Haddock-Lobo (UFRJ), Membros Externos, a fim de arguirem a mestrandona **Néli Terezinha Rulka Reckelberg** sobre a apresentação da dissertação intitulada: "A aula de filosofia como espaço para o encontro com a alteridade do pensamento a partir de Deleuze e Derrida". A sessão foi aberta pela presidente e orientadora, sendo que coube a candidata expor o tema de sua dissertação dentro do tempo determinado. Ao final da apresentação, a candidata foi arguida pelos examinadores que, em seguida, consideraram o trabalho de pesquisa: Aprovado. Reprovado.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 12 h 30, dela sendo lavrado a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. A candidata está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do programa.

Banca Examinadora:

Renata Tavares Noyama

Prof. Dr. Renata Tavares Noyama – UNESPAR Presidente e orientadora

Samon Noyama

Prof. Dr. Samon Noyama - UNESPAR (Membro do Programa)

Marcelo José Derzi de Moraes - (UERJ) Membro Externo

Rafael Haddock-Lobo

Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo - (UFRJ) Membro Externo

Candidata: Néli Terezinha Rulka Reckelberg

União da Vitória, 29 de julho de 2020.

Universidade Estadual do Paraná

R. Cel. Amazonas, S/n - Centro, União da Vitória - PR, 84600-185

Telefone: (42) 3521-9100

Aos possíveis leitores, Uma sugestão!

“A boa maneira para se ler hoje, porém, é a de conseguir tratar um livro [esse texto] como se escuta um disco, como se vê um filme ou um programa de televisão, como se recebe uma canção: qualquer tratamento do livro que reclame para ele um respeito especial, uma atenção de outro tipo, vem de outra época e condena definitivamente o livro.”¹

Dedico esta leitura a todos que lutam contra a ilusão com outras formas de ilusão!

¹ DELEUZE; PARNET, Diálogos, p. 11

AGRADECIMENTOS

“Aquele que quer aprender a voar um dia, deve primeiro, ficar de pé, andar, correr, escalar e dançar – não se pode aprender a voar voando.”²

Eu aprendi! Aprendi com aqueles que me disseram: “Faça comigo”!

“Aprendi a andar: desde então tenho me deixado ir. Aprendi a voar: desde então não preciso ser empurrado para que eu saia do chão. Agora sou ágil, agora voo, agora me vejo por baixo de mim mesmo (a), agora um Deus dança dentro de mim.”³

Quero deixar registrado, aqui nestes meus primeiros passos dessa dança, um especial e sincero agradecimento a minha orientadora, Dra Renata Tavares Noyama, primeiramente por ter acreditado e depositado sua confiança em mim, pela paciência e atenção para comigo, pela dedicação despreendida nas orientações e leitura atenta do meu trabalho. Você é meu exemplo de coragem, ousadia e determinação desde o dia em que aprendi a ficar em pé (meu primeiro contato com a filosofia). Ao meu companheiro de caminhada Neilor que sempre esteve ao meu lado nas andanças, corridas e escaladas. Aos meus filhos Lucas Felipe e Luis Fernando que são “Sol” na minha vida. À minha mãe Daniela, minha sogra Eleonore pelo apoio. Àos colegas de turma, especialmente Madalena e Suelen com quem compartilhei muitas angústias. Aos colegas de trabalho por respeitarem meu silêncio e compreenderem minhas ausências durante o mestrado. Em especial aos meus alunos do Colégio Estadual do Campo Prof Eugenio de Almeida e do Colégio Estadual Duque de Caxias que aceitaram ser minhas “cobaias” nesse trabalho. À todos os meus professores da alfabetização à pós-graduação, especialmente ao professor Dr. Samon Noyama por ter despertado em mim, ainda na graduação, o gosto por essa filosofia feita com e como dança, também pelos apontamentos e contribuições feitas na qualificação. Agradeço ainda aos professores, Dr. Rafael Haddock-Lobo e Dr. Marcelo José Derzi Moraes por terem aceito o convite para participar da banca. À Capes pelo apoio financeiro durante todo o período de pós-graduação.

² NIETZSCHE, Zaratustra, Do Espírito de Gravidade, p. 192.

³ NIETZSCHE, Zaratustra, Do Ler e Escrever, p. 46.

“Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e não como acho. Mas é do buscar e não do achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.”⁴

⁴ Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*, p. 178.

RESUMO

O presente trabalho tem por intuito abordar a relação entre ensino, filosofia e alteridade. A proposta é dar a filosofia outra função que não a busca da verdade/conceito. Ao invés de usar conceitos pré-estabelecidos para pensar/filosofar, propomos fazer uso de palavras que não tenham idioma, ou seja, pensar/criar sem a preocupação de estabelecer adequações entre o conceito e as coisas. Daremos à verdade e à mentira as mesmas condições. Nossos guias nessa empreitada serão Deleuze e Derrida que, na continuação do espaço aberto por Nietzsche, buscaram assinalar os limites do conceito, na tentativa de transgredi-los. Na esteira da desconstrução, proposta por Deleuze, de subversão do pensamento representativo, e de Derrida que procura subverter a tradição metafísica ocidental, considerada por ele, logocêntrica e dominadora, buscaremos sair da zona de conforto e nos dirigir para o limite da confusão. Voltar-se às coisas mesmas, ainda que estas sempre nos escapem, e filosofar sem ter a pretensão de alcançar precisão alguma das coisas que se está vendo/pensando. De Deleuze nos apropriamos da concepção de filosofia enquanto processo de criação, ou seja, traçar planos, inventar personagens e criar conceitos. Pensar, na perspectiva deleuziana, é encontrar signos que digam o acontecimento. Pensar por conceitos é se manifestar linguisticamente, é experimentar o mundo enquanto devir, é sobrevoar o vivido com o intuito de ressignificá-lo como se o filósofo/criador fosse ignorante das verdades estabelecidas e recebidas pela tradição. Segundo a concepção de escrita/criação de Derrida, não há significados transcendentais, logo tudo é discurso, desta forma, o domínio e o jogo da significação se tornam infinitos. Com essa liberação da escritura, é possível remeter significante a significante, numa ordem infinita sem a preocupação de que estes significantes desocultem um significado primeiro.

Palavras-chave: Ensino; Filosofia; Alteridade

ABSTRACT

This work aims to address the relationship between teaching, philosophy and otherness. The proposal is to give philosophy another function than the search for truth / concept. Instead of using pre-established concepts to think / philosophize, we propose to use words that have no language, that is, think / create without the concern of establishing adjustments between the concept and things. We will give truth and lies the same conditions. Our guides in this endeavor will be Deleuze and Derrida who, in the continuation of the space opened by Nietzsche, sought to point out the limits of the concept, in an attempt to transgress them. In the wake of deconstruction, proposed by Deleuze, of subversion of representative thought, and of Derrida who seeks to subvert the Western metaphysical tradition, which he considers logocentric and dominant, we will seek to leave the comfort zone and go to the limit of confusion. Turn to the same things, even though they always elude us, and philosophize without having the pretension of achieving any of the things we are seeing / thinking accurately. From Deleuze we appropriated the concept of philosophy as a process of creation, that is, drawing plans, inventing characters and creating concepts. To think, in the Deleuzian perspective, is to find signs that tell the event. Thinking through concepts is to manifest itself linguistically, it is to experience the world while becoming, it is to fly over the lived with the aim of reframing it as if the philosopher / creator were ignorant of the truths established and received by tradition. According to Derrida's conception of writing / creation, there are no transcendental meanings, so everything is discourse, in this way, the domain and the game of meaning become infinite. With this release of the scripture, it is possible to refer signifier to signifier, in an infinite order without the concern that these signifiers unveil a meaning first.

Keywords: Teaching; Philosophy; Alterity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
PREÂMBULO	13
Nietzsche: O horizonte comum entre os filósofos da diferença	14
A Desconstrução	18
CAP. I. Da arte do retrato à criação conceitual: um caminho possível para o encontro com a alteridade do pensamento	21
1.1. Deleuze: A expressão do pensamento mediante atividade de criação conceitual	22
1.2. O que é pensar (filosofar)?	24
1.3. Literatura ou pensamento nômade: uma forma possível para expressar o pensamento	28
1.4. O que é uma “Filosofia Pop”?	37
1.5. A crônica como um gênero “pop filosófico”	40
CAP. II. A experiência em sala de aula: Uma proposta de “Filosofia Pop”	42
2.1. Descrição da proposta de intervenção	42
2.2. Descrição da intervenção didática	44
2.3. Ponderações acerca dos resultados	49
CAP. III. Da literatura pensante à voz da alteridade: Outro caminho possível para o encontro com a alteridade do pensamento.....	55
3.1. Derrida: A prática filosófica enquanto jogo de rastros.....	56
3.2. A escrita literária: caminho para o encontro com a alteridade do pensamento	61
3.3. Literatura: “A coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante que o mundo”	62
3.4. A crônica como literatura pensante: as vozes da alteridade	67
CAP. IV. Uma didática da invenção: A experiência filosófica enquanto jogo de rastros	70

4.1. Descrição da proposta de intervenção	70
4.2. Descrição da intervenção didática	75
4.3. Ponderações acerca dos resultados	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	88
ANEXO A - Cronograma de aplicação turma 1 – Colégio Estadual do Campo Prof Eugênio de Almeida	89
ANEXO B - Cronograma de aplicação turma 2 – Colégio Estadual Duque de Caxias	91
ANEXO C – Felicidade, Uma Promessa! (Crônica de autoria da professora)	92
ANEXO D – Liberdade (Texto extraído do livro: MEIRELES, Cecília. Escolha o seu sonho. Editora Record: Rio de Janeiro, 2002. p. 07)	93
ANEXO E - Fragmentos de texto extraídos da obra: NIETZSCHE, Friedrich. Sobre Verdade e Mentira no sentido extra moral. São Paulo: Hedra, 2008	95
ANEXO F - Jogo da verdade e da mentira (Questões propostas para a invenção dos personagens) –Tema: Felicidade	97
ANEXO G - Jogo da verdade e da mentira (Questões propostas para a invenção dos personagens) –Tema: Liberdade	98
ANEXO H - PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES - Tema: Felicidade	99
ANEXO I - PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES – Tema: Liberdade	104

INTRODUÇÃO

A presença da filosofia no ensino médio da escola pública, coloca a nós, professores, sobretudo, o desafio de pensá-la enquanto experiência de pensamento. Partimos da hipótese de que o filosofar é uma experiência de pensamento possível, no entanto, o sucesso ou fracasso dessa experiência depende, em grande medida, da forma como ela é vivenciada em sala de aula, ou seja, depende de um conjunto de fatores que vai desde o tempo disponível à prática filosófica no currículo escolar, a formação do professor bem como sua concepção de filosofia, a metodologia por ele adotada, os recursos didáticos disponíveis até o capital cultural, o interesse e o gosto dos alunos.

Sendo assim, o presente trabalho tem sido desenvolvido, a partir de uma perspectiva de escola como espaço de democratização da experiência filosófica, portanto, faz-se neste, a defesa do direito à filosofia para todos. Entendemos que para tanto, é necessário a manutenção de um espaço para o filosofar no currículo escolar e que esse espaço seja assegurado e acessível à todos. Entretanto, diante da atual condição em que se encontra a disciplina de Filosofia no currículo escolar é preciso repensá-la, bem como estabelecer o que se espera do processo de filosofar, traçando caminhos que viabilizem uma experiência de pensamento democratizada.

Já é de conhecimento de todos a nova proposta de uma Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio (BNCC)⁵, aprovada pelo CNE em 04 de Dezembro de 2018 e que alterou a Lei nº 11.684/2008, suspendendo a obrigatoriedade da oferta da Filosofia no Ensino Médio, colocando-a na mesma condição que se encontrava na Lei nº 9394/96. Essa suspensão coloca em pauta novamente a discussão sobre o lugar da Filosofia no currículo escolar. É um momento propício para reavaliarmos os conceitos e as justificativas construídas ao longo da história, também necessário para buscarmos outros horizontes que permitam fundamentar com profundidade, coerência, a experiência filosófica na formação dos estudantes do Ensino Médio.

⁵ BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e nº 11.494, de 20 de junho de 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e pelo Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>. Acesso em: 11 de dez. 2018.

Diante do exposto, nos propomos aqui a pensar novamente a filosofia, cautelosos, porém, com muita disposição, almejamos mergulhar na alteridade da própria filosofia com vistas a construir possibilidades de mediação didática aberta aos interesses dos alunos, capaz de promover a passagem da total ausência à presença, superando a indiferença, primeiro obstáculo à democratização da filosofia enquanto experiência de pensamento.

Não acreditamos que um ensino meramente enciclopédico, pautado num metadiscorso que pretenda explicar toda a realidade, legitimando um único jogo de linguagem, promova uma formação pluridimensional, democrática, crítica, que possibilite ao estudante experiências de pensamento autônomo, e, principalmente, que o leve à descoberta da alteridade⁶ do pensamento.

Ainda que em vias de transformação, nosso modelo de sociedade fundamenta-se na intolerância para com o que não condiz com os padrões pré-definidos de discursos e comportamentos. É notório, em pleno século XXI, que muitas narrativas continuam excluídas enquanto discurso que são, pois, em meio a tantas crises que atualmente assolam os seres humanos e colocam em xeque as relações interpessoais e com o mundo como um todo, as lutas para dar voz à alteridade, são mal vistas ou tendem a passar desapercebidas. Mediante narrativas que se apresentam como superiores e unificantes, a contracultura, a contrafilosofia vai sendo sufocada e o pensamento nômade vai sendo aniquilado.

Quanto aos ‘outros’ que buscam se fazer ouvir enquanto vozes da diferença, cresce a atitude de intolerância, banalização, naturalização de várias formas de violência, seja ela física, psicológica ou simbólica, resultando na discriminação, tanto dos discursos quanto de indivíduos. Na visão de Berrenechea,

Aparentemente, estamos sob o domínio de um império absoluto, com uma estrutura toda poderosa, que não deixa nenhum resquício para as diferenças, para as alteridades, muito menos para a dissensão: não há lugar para os rebeldes, para os nômades. (BERRENECHEA, 2000, p. 112)

⁶ 1. (Do lat. alter: outro) Caráter do que é outro e se opõe ao mesmo: “Outro se diz dos seres que possuem pluralidade de espécie, de matéria ou de definição de sua substância: O outro apresenta significações opostas às do Mesmo”. 2. Do ponto de vista lógico, negação estrita da identidade e afirmação da diferença. (JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.)

Segundo Carlos Skliar (2004, p. 75), a discriminação tem sua origem no preconceito que tem por objetivo defender identidades coletivas ou próprias, consideradas ‘apropriadas’, ‘normais’ que, sabe-se, foram inventadas, produzidas, fabricadas como tal. No entanto, os portadores dessa forma rudimentar de xenofobia, a utilizam como forma de se manterem ‘conscientes’ de suas posições de privilégio e hierarquia, o que gera a ideia específica de que deve haver uma espacialidade relacional entre o ‘eu’ e o ‘outro’, promovendo a segregação.

Por sua vez, a operação da discriminação consiste primeiramente em diminuir ou reduzir o outro, a relação do outro com seus outros de modo que, diminuídos aceitem uma única possibilidade de interpretação de seus valores. Aquela possibilidade cujo referente idêntico de representações só permite uma forma fixa de olhar, perceber, pensar, nomear e julgar. Não há espaço para criar.

Esse tipo de tratamento diferencialista é responsável pela produção específica de alteridades negativas no sentido nietzschiano porque as “verdades” que imperam não são aquelas edificadas pelo sujeito, sendo assim, não o satisfazem gerando uma descrença, o sentido de um nada. O que resta ao sujeito é um vazio de valores que leva-o a negar as verdades projetadas que, inalcançadas são destituídas desses valores e, portanto, não são mais afirmadas.

De acordo com o pensamento nietzschiano, produz-se escravos ao mantê-los presos aos valores vigentes quando se subordina a diferença ao plano da identidade dominante. Diante dessa realidade, pensar a alteridade, no contexto de uma experiência filosófica formativa, significa buscar formas de ampliar as possibilidades de uma educação que lute para libertar a diferença da identidade e que transforme escravos em senhores.

Libertar, afirmar a diferença, faz nascer o novo, torna-se força de criação pois, para a diferença o que já está dado não lhe basta, logo, não há outra forma de afirmar o que não está dado, senão fazendo-o existir pela criação. Enquanto cria, a diferença não espera a sua representação, o mesmo. Na criação, o escravo deixa de ser escravo e se descobre enquanto alteridade positiva porque afirmativa, livre, alegre, sociável, responsável com o outro.

Apesar das dificuldades enfrentadas no exercício da profissão, entendemos que todos os seres humanos em processo contínuo de formação, podem viver e aprimorar experiências que lhes permitam pensar a relação consigo mesmo, com o

outro e com o mundo. Nos limites de sua competência, o processo do filosofar pode contribuir para com esse desenvolvimento, qualificando positivamente o jovem a participar da vida democrática, visto que contribui para com o desenvolvimento do espírito crítico, da capacidade de argumentação no debate de ideias, do gosto pelo consenso racional.

Portanto, pensar uma didática para uma experiência filosófica que seja plural, afirmativa, criativa é tão desafiador quanto necessário. Primeiramente, é imprescindível que essa didática seja pensada de maneira imanente à realidade levando em consideração as possibilidades e limitações materiais e humanas, obrigando-nos a (re)inventá-la, o que exige bastante trabalho e criatividade. Para tanto, seguiremos no rastro⁷ da(s) “Filosofia(s) da diferença”.

Trata-se de uma complexa rede de pensamento da qual fazem parte vários autores. É um movimento de pensamento que se apresenta enquanto singularidade na multiplicidade, ou seja, há características comuns assim como há também diferenças significativas. Deleuze e Derrida, nossos guias nesta pretensa proposta, são partícipes desse movimento de pensamento que tem a diferença como elo, cuja genealogia aponta para Nietzsche como personagem central para o entendimento deste modo de pensar, deste estilo de filosofar denominado “filosofia da diferença”.

Com vistas a elencar e compreender os rastros que compõe a tessitura da(s) filosofia(s) da diferença, nossos primeiros passos se darão na esteira de Nietzsche que está sendo considerado neste trabalho, “a primeira referência para tal filosofia, o horizonte comum entre os chamados filósofos da diferença” (HEUSER, 2008, p. 61), especialmente entre Deleuze e Derrida. Portanto, iniciamos nossa dissertação com um pequeno preâmbulo sobre a filosofia nietzschiana.

Para dar mais clareza a nossa proposta, organizamos o texto em teoria e prática. Para cada autor elaboramos dois capítulos, onde o primeiro é dedicado a fundamentação teórica e o segundo uma espécie de relato da experiência em sala de aula. Desta forma, no primeiro e segundo capítulo, dedicamos nossos esforços para compreender a teoria filosófica de Deleuze e no terceiro e quarto de Derrida.

⁷ Derrida usa o termo rastro (*trace*) para pensar a estrutura de significação em função do jogo das diferenças que supõe sínteses e remessas que impedem que um elemento esteja presente em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Tanto na ordem do discurso falado, quanto do discurso escrito, qualquer elemento que funcione como signo remete a um outro elemento, o qual, ele mesmo, não está simplesmente presente. (DERRIDA, 2001, p. 32)

Primeiramente, seguiremos os passos de Deleuze no intuito de compreender como o filósofo compôs, teceu o fio de sua filosofia, bem como ele imergiu a literatura no meio dos problemas filosóficos de seu interesse, constituindo um devir filosófico da literatura.

No primeiro capítulo, apresentamos a sua filosofia como uma crítica à filosofia da representação bem como sua proposta de uma filosofia da multiplicidade. Descrevemos ainda como o filósofo francês cogitava tornar possível o pensamento, mais especificamente, uma nova forma de pensamento, não representativo que, segundo ele, encontra-se na conjunção entre o filosófico e não-filosófico – “Pop-Philosophy”. A possibilidade de expressão desse pensamento é possível, segundo Deleuze, por meio de atividade de criação conceitual.

Explicitamos de maneira breve e sucinta a concepção deleuziana de literatura e as condições que levaram Deleuze a determinar esta como uma das atividades (senão a melhor) que apresenta as características necessárias para a criação dos conceitos filosóficos. Abordamos ainda a natureza da relação entre filosofia e literatura a partir de dois textos, especificamente: *Kafka: por uma literatura menor* e *Pensamento nômade*. Finalmente, descrevemos o que para nós seria um pensamento nômade, autobiográfico, criativo, pop, ou seja, a crônica.

No segundo capítulo, descrevemos como elaboramos nossa proposta de intervenção didática a partir da teoria filosófica deleuziana e, a seguir, passamos ao relato da experiência. Finalizamos o capítulo com uma breve avaliação de resultados.

Para compor o terceiro e quarto capítulo do nosso trabalho tomamos como parâmetro, a filosofia da *différance*, de Jacques Derrida. Trata-se de um movimento de pensamento “que resiste à oposição, fundadora da filosofia, entre o sensível e o inteligível” (DERRIDA, 1991, p. 36).

Primeiramente, no terceiro capítulo, descrevemos o movimento da *différance* que se inicia com uma discreta intervenção, uma espécie de engenhosidade neográfica, ou seja, a substituição do *e* de *différence* pelo *a* de *différance*. Expressão que não existe na língua francesa, com a qual Derrida segue criando sua filosofia, abalando o sistema de escrita fonética, por meio da desconstrução.

No segundo momento, apresentamos a proposta de liberação da escrita para além da extensão da linguagem dando origem ao que Derrida nomeou de escritura geral ou arquiescritura, cujo advento apaga o limite de um significado primeiro e institui

o “jogo”, uma vez que, segundo o filósofo francês, não há significado previamente existente, cuja linguagem falada ou escrita, só servisse para expressá-lo.

Por fim, passamos a discorrer sobre a literatura que, segundo Nascimento (2014, p. 16) “é uma forma particular, histórica e localizada do que Derrida nomeou de escritura geral ou arquiescritura”. O advento da escritura, é o advento do jogo da escrita literária que não se reduz a qualquer ontologia, apresentada neste trabalho como uma forma de dar voz a alteridade. Sendo assim, descrevemos o que para nós seria a criação de uma literatura pensante, autobiográfica, desestruturadora, ou seja, a crônica.

No quarto capítulo, descrevemos como elaboramos nossa proposta de intervenção didática a partir da teoria filosófica de Derrida e, a seguir, passamos ao relato da experiência. Finalizamos o capítulo com uma breve avaliação de resultados.

PREÂMBULO

“De todas as escritas, apenas amo o que uma pessoa escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue e descobrirás que sangue é espírito. Não é uma tarefa fácil compreender sangue desconhecido...”⁸

⁸ Nietzsche, Zaratustra, “Do Ler e Escrever”, p. 45

Nietzsche: o horizonte comum entre os filósofos da diferença

O filósofo prussiano, Friedrich Von Nietzsche viveu na segunda metade do século XIX e produziu uma vasta obra filosófico-literária. Seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia*, foi publicado em 1872, seguido de vários outros, dentre eles, *Humano, demasiado humano*, *A gaia ciência*, *Assim falava Zaratustra*, *Para além do bem e do mal*, *A genealogia da moral*, *O livro do filósofo*, *Verdade e mentira no sentido extra moral*, dentre outros.

Nietzsche alterou o papel da filosofia ao proceder a um deslocamento do problema do conhecimento, o qual, segundo o filósofo, não é uma explicação da realidade, pois não passa de interpretação, de atribuição de sentidos. Segundo Roberto Machado, para Nietzsche, “o conhecimento não é “imaculado”: não se realiza libertando-se dos afetos, dos desejos, das paixões, das emoções, da vontade” (MACHADO, 2017, p. 137).

Conforme o pensamento nietzschiano, o objetivo do conhecimento não é procurar pelo sentido das coisas como se este estivesse oculto mas, atribuir, impor, dar um sentido (valor) ao mundo. Para ele, não há uma interpretação, um sentido mais legítimo que outros. As interpretações, as atribuições de sentidos, que implicam em revestir o mundo de valores, são realizadas de uma perspectiva particular. Para desmascarar o modo pelo qual os sentidos (valores) foram construídos, Nietzsche propõe como método de decifração, a genealogia.

Segundo o *Dicionário Básico de Filosofia* de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, em sentido corrente, “a genealogia designa o estudo e a definição da filiação de certas ideias” (2006, p. 120). Em Nietzsche, significa o questionamento sobre a origem dos valores morais bem como das categorias filosóficas que mascaram esses valores a serviço de interesses particulares. O método genealógico supõe que valores ou verdades não devam ser considerados em si mesmos, pois só possuem sentido quando ligados à sua origem.

Por meio da genealogia o filósofo acredita ter encontrado lacunas, espaços significativos que não foram considerados ou reprimidos. Desta forma, passa a identificar como determinados conceitos foram transformados em verdades metafísicas, absolutas e estáveis. Tendo como único critério que se impõe, a vida, que

é um devir, Nietzsche pretende resgatar o conhecimento instintivo, interessado, perspectivo, sem reduzi-los a conceitos abstratos, eternos.

No *Livro do filósofo* e em *Verdade e mentira no sentido extra moral*, o filósofo aborda a construção da identidade e, consequentemente, o nascimento do conceito, além de tecer uma crítica radical acerca da representação que segundo ele, “se tornou o único canal de conhecimento e a relação modelar entre sujeito e objeto” (NIETZSCHE, s.d., p. 18).

Na tentativa de compreender como conhecemos, Nietzsche suspeita de que o intelecto humano possua um caráter dissimulador e que, portanto, entre o pensar e o dizer não existe nenhuma identidade. E não poderia haver identidade porque, segundo Eric Blondel (2009, p. 82), entre as duas esferas – a do sujeito e a do objeto – “não há causalidade, exatidão, expressão, antes, uma relação estética, ou, poder-se-ia dizer, uma transposição indicativa, uma tradução balbuciante de uma linguagem, em todo caso, estranha”.

Porém, ao identificar o não idêntico, o intelecto cria o conceito e o toma como verdadeiro ou falso em função de descrever correta ou incorretamente o mundo. Mas afinal, o que é verdade para Nietzsche?

Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas. NIETZSCHE, 2008, P. 36)

Nietzsche afirma que “não é no conhecimento (metafísico), mas sim na criação que está a nossa salvação” (NIETZSCHE, s.d., p. 51). As palavras quando tomadas à risca (como conceito/identidade), acabam por nos iludir além de não conseguirmos perceber, por meio delas, acontecimentos que elas mesmas não dão conta de dizer. Desta forma, quando nos relacionamos, enquanto seres de cultura, com o mundo e com as coisas, ou seja, quando acreditamos estar conhecendo, tomando posse da verdade por meio dos conceitos, só estamos nos enganando pois, segundo o próprio Nietzsche, o conceito é tão somente “o resíduo de uma metáfora” (NIETZSCHE, 2008, p. 38)

E o que fazemos quando nos utilizamos da linguagem conceitual para transmitir o nosso pensamento acerca da nossa compreensão do mundo? Diz Nietzsche em *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra moral*: Mentimos! Mentimos em rebanho! De acordo com o filósofo alemão, temos um impulso à verdade que é fruto de uma obrigação instituída pela sociedade de usar metáforas habituais, ou seja, somos obrigados moralmente a “mentir conforme uma convenção estabelecida” (NIETZSCHE, 2008, p. 37).

O problema é que o homem não se dá conta, ou se esquece que está mentindo e, desta forma “atinge o sentimento da verdade”. A esse sentimento sobrevém uma emoção moral fruto da contraposição ao mentiroso, aquele que não é confiável, portanto excluído. Em nome da veracidade, o ser racional não tolera mais impressões repentinhas, intuições. Sendo assim, busca a universalização dessas impressões e intuições em conceitos desbotados e frios. Ao colocar seu agir sob a regência das abstrações, as intuições são desprezadas para privilegiar o conceito.

Ao avaliar a amplitude da atividade metafórica, o filósofo prussiano entende que o conhecimento se vale da metáfora. Ainda que, na linguagem comum ela seja considerada apenas um ornamento, sem significado de conhecimento, para ele, a metáfora assume um caráter cognitivo. A metáfora consegue perceber as coisas no seu devir permanente porque é intuitiva e individual, desta forma, escapa ao grande edifício dos conceitos.

Nietzsche nos propõe pensar a verdade como um tipo de engano necessário para a sobrevivência. Como esse pensar seria possível? “Será preciso uma esfera e uma força intermediária a fabular livremente e a imaginar livremente” (BLONDEL, 2009, p. 83), ou seja, a arte, apresentada pelo filósofo como modelo alternativo à racionalidade. Esse pensar seria possível através de uma arte que imita a vida.

A proposta filosófica nietzschiana para evitar o dogmatismo do pensamento encontra na arte a possibilidade de se libertar das “tábuas monstruosas dos conceitos aos quais o (s) necessitado (s) se agarra (m) durante toda sua vida para se salvar” (NIETZSCHE, s.d., p. 101). Para Roberto Machado,

[...] essa valorização da arte – e não do conhecimento – como a atividade que dá acesso às questões fundamentais da existência é a busca de uma alternativa à metafísica clássica criadora da racionalidade (MACHADO, 2017, p. 44).

Segundo o filósofo alemão, “a arte trata, portanto, a aparência enquanto aparência, logo não quer enganar, é verdadeira” (NIETZSCHE, s.d., p. 108). O que Nietzsche propõe é uma espécie de metafísica de artista⁹. No pensamento do filósofo, o saber trágico oriundo de experiências dionisíacas, “não foi vencido propriamente pela verdade, mas por uma “ilusão metafísica” que está intimamente ligada à ciência” (MACHADO, 2017, p. 48). Sendo assim, o combate deve se situar no terreno da ilusão, ou seja, não devemos nos refugiar na Metafísica mas, driblá-la dentro dela mesma, escrever como se as coisas, fossem dessa ou daquela maneira e não sobre as coisas “enquanto tal”.

Com essa ideia de que a metafísica é uma ilusão, Nietzsche aniquila as noções de fato e fundamento e introduz a interpretação nos domínios do mundo. O filósofo alemão se empenha em mostrar que não há fundamentos ocultos por trás da aparência das coisas, logo, tudo é interpretação, ou melhor, várias possibilidades de interpretações. “Se não existe uma única interpretação, se o conhecimento é perspectivo e as perspectivas são inúmeras é porque para Nietzsche o conhecimento não tem por objetivo atingir a verdade” (MACHADO, 2017, p. 136).

Nesse movimento contínuo de desconfiar das certezas, suportar melhor o espanto, a admiração, a controvérsia, seguiremos os rastros deixados por Nietzsche no pensamento de Deleuze e Derrida. Ambos produziram suas filosofias no período que ficou conhecido como Pós-estruturalismo e estão inseridos na corrente teórico-crítica conhecida como Desconstrução, porém, vale ressaltar que para Deleuze e Derrida, o termo desconstruir não tem o mesmo sentido tampouco o mesmo objetivo.

No caso de Deleuze, pensamos ser necessário pensar a desconstrução aliada a um certo construtivismo, uma vez que o próprio Deleuze não se identificava como um filósofo que exercia, em suas leituras, o método da desconstrução, conforme ele mesmo aponta ao responder a uma pergunta no Colóquio, em comemoração aos 100 anos de *O Nascimento da Tragédia*, em Cerisy-la-Salle em 1972:

Quanto ao método de desconstrução dos textos, vejo bem o que ele é, eu o admiro muito, mas ele não tem nada a ver com o meu. Não me apresento absolutamente como um comentador de textos. Um texto, para mim, é apenas uma pequena engrenagem numa prática extratextual (DELEUZE, 1985, p. 74)

⁹ “Concepção de que a arte é a atividade propriamente metafísica do homem, a concepção de que apenas a arte possibilita uma experiência da vida como sendo no fundo das coisas indestrutivelmente poderosa e alegre.” (MACHADO, 2017, p. 43)

O que nos parece que Deleuze pretende desconstruir, é tão somente a ideia de que o pensamento é representativo, já Derrida busca desconstruir a oposição entre sensível e inteligível bem como as formas tradicionais de dizer o sensível de modo inteligível, ou seja, como se tudo o que existe já tivesse um significado previamente existente, podendo ser expresso pela linguagem falada ou escrita.

A Desconstrução

Segundo Elisabeth Roudinesco em *De que amanhã... diálogo*, o termo desconstrução foi utilizado pela primeira vez por Derrida em 1967 na sua *Gramatologia*, no sentido de decomposição de uma estrutura. Ainda, conforme a definição apresentada pela psicanalista francesa, é um trabalho “que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante” (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.9).

Derrida destaca na *Gramatologia* e em *Escritura e diferença* que a tradição filosófica é fonologocêntrica. Fonocêntrica por valorizar a voz e a presença em detrimento da escrita e logocêntrica por privilegiar a razão como base de toda a verdade. A proposta de desconstrução apresentada nessas obras tem como objetivo, desfazer essa hierarquia. Não se trata de uma tentativa de reabilitar a escrita contra a fala, mas de recusar a oposição estabelecida entre as duas a partir da ideia de superioridade da fala em relação a escrita. Porém, o foco de Derrida não se resume a desconstruir o conceito de *logos* e *phonos*, negando sua supremacia em relação ao seu par lógico. O filósofo franco-argelino pretendia possibilitar uma renovação na filosofia através da desconstrução da metafísica tradicional, baseada na ideia de fundamento e identidade.

Vale ressaltar que o movimento da desconstrução se estende à vários campos do saber, uma vez que em todas as teorias existem elementos ficcionais que nem sempre são percebidos. Identificar o que está dissimulado, oculto nas entrelinhas, no caso da filosofia, enriquece-a sem destruí-la.

Desconstruir não é sinônimo de destruir, mas sim questionar sem piedade, decompor, re-organizar os discursos no interior dos próprios discursos empreendidos pela metafísica ocidental desestabilizando-os, ampliando seus limites, sem incorrer

no reducionismo das oposições binárias operadas costumeiramente pela tradição metafísica, com as quais nos acostumamos a raciocinar. Para Roudinesco,

Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes" (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.9).

Na esteira de Deleuze e sua proposta de subversão do pensamento representativo, propomos uma filosofia que não se contenta em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir mas que os cria de modo ativo, afirmativo através de reinterpretações e reinvenções constantes.

Guiadas pela estratégia da desconstrução, proposta por Derrida que procura subverter a tradição metafísica ocidental, considerada por ele, logocêntrica e dominadora, propomos neste e com este trabalho, sair da zona de conforto e nos dirigir para o limite da confusão. Voltar-se às coisas mesmas, ainda que estas sempre nos escapem, e filosofar sem ter a pretensão de alcançar precisão alguma das coisas que se está vendo/pensando, ou seja, pensar (filosofar) segundo a lógica do *entre* isso e aquilo, *nem* isso *nem* aquilo, isso e aquilo.

DELEUZE

“Cabe à filosofia não ser moderna a qualquer preço, muito menos intemporal, mas destacar da modernidade algo que Nietzsche designava como o intempestivo, que pertence à modernidade, mas também que deve ser voltada contra ela – “em favor, eu espero, de um tempo que virá”. Não é nos grandes bosques nem nas veredas que a filosofia se elabora, mas nas cidades e nas ruas [e nas escolas], inclusive no que há de mais fictício nelas.”¹⁰

¹⁰ DELEUZE, A Lógica do sentido, p. 270.

CAPÍTULO 1 – DA ARTE DO RETRATO À CRIAÇÃO CONCEITUAL: Um caminho possível para o encontro com a alteridade do pensamento

“Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga”.¹¹

Nosso trabalho de pesquisa pretende abordar a relação entre ensino, filosofia e alteridade. Partimos da hipótese de que podemos pensar esta relação a partir de uma perspectiva, no mínimo, diferente da tradição metafísica, que preza as fontes nobres. Com vistas a construir possibilidades de mediação didática, aberta aos interesses dos alunos, capaz de promover uma formação pluridimensional, democrática, crítica, que possibilite aos estudantes experiências de pensamento autônomo e que os leve à descoberta da alteridade, agenciamos Gilles Deleuze. Este filósofo se configura como um aporte teórico a altura da problemática em questão: De que forma o ensino de filosofia, em caráter experimental e criativo, pode levar os jovens a descoberta da alteridade?

Segundo Gilvan Fogel em *Que é Filosofia? Filosofia como exercício de finitude*, vivemos hoje na sociedade do cálculo. Tudo na vida precisa ser antecipado de modo que seja certo, seguro, sob controle. Queremos a todo custo, a certeza/verdade, o autoasseguramento, a eliminação do risco e do erro. Sendo assim, nossa tarefa diária é “aplanar montanhas”, segundo Piotr Stephanovitch, personagem de Dostoievski em *Os Demônios*, citado por Fogel (2009, pg. 69). Ao aplanar a montanha, se instaura a planície, ou seja, desfaz-se as diferenças e cria identidades nivelando, igualando, homogeneizando.

Nesse mundo aplanado, não é fácil compreender aquilo que nos soa estranho de modo que buscamos superar a dificuldade eliminando toda a diferença para que não haja alteridade. Uniformizando tudo, é mais fácil compreender, porém, na vigência do uniforme, morre a possibilidade de criação e, sem criação não há mais liberdade, sem liberdade não há mais *pathos* (afeto, interesse) que desperta a natureza criadora. No entanto, é por meio da criação que a vida vai se dando como possibilidades próprias, se libertando das identidades (conceitos) e se afirmado enquanto diferença, como alteridade.

¹¹ DELEUZE, Conversações, p.180.

Nosso guia nessa primeira empreitada é Deleuze que, na continuação do espaço aberto por Nietzsche, buscou promover uma filosofia que alia pensamento e vida, propondo um pensamento imanente, nômade, para o qual o sentido de tudo é pensado como produzido, criado, longe dos fundamentos ancorados em pressupostos metafísicos.

1.1- DELEUZE: A expressão do pensamento mediante atividade de criação conceitual

Gilles Deleuze, filósofo francês do século XX, nos sugere uma nova perspectiva de filosofia, trata-se de uma determinada arte de criar conceitos. Suas obras se apresentam como uma crítica ao pensamento que sempre reduz o outro ao mesmo, a alteridade à identidade e por isso compreendida como uma “filosofia da diferença”. Consideramos importante, já de antemão, ressaltar que o significado do termo alteridade, especialmente neste trabalho, não deve ser confundido com o termo diferença¹², visto que a “filosofia da diferença”, como ficou conhecida a filosofia deleuziana, não é propriamente uma filosofia da alteridade na concepção derridiana do termo.

Entendemos que o termo diferença atribuído a filosofia de Deleuze se refere muito mais ao fato de que esta se pretendeu diferir da tradição filosófica no que diz respeito a concepção de filosofia, ao método, aos objetivos, e por que não, resultados, que pelo fato de se ocupar a pensar o outro, muito embora se nos apresente como um caminho em potencial para tanto.

Podemos compreender a Filosofia de Deleuze como uma crítica à filosofia da representação, segundo a qual, a verdade está na correspondência entre a coisa mesma e a representação dela pelo intelecto, mas também como construção de uma proposta específica de pensamento que ficou conhecida por “filosofia da diferença”.

¹²**ALTERIDADE** (lat. Alteritas) Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro; **DIFERENÇA** (lat. Differentia) Determinação da alteridade, da diversidade. Segundo o Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano, alteridade é um conceito mais restrito que diversidade e mais amplo do que diferença. Ao contrário da diferença, “a alteridade não implica nenhuma determinação, por exemplo, *a* é outra coisa que não *b*”, quanto a diferença, “as coisas só podem diferir se tiverem em comum a coisa em que diferem” como a cor, a forma, por exemplo. (ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.)

Enquanto um filósofo-historiador, segundo Roberto Machado (1990, p. 12), “a grande ambição de Deleuze era realizar uma filosofia da multiplicidade”. Seu principal problema é o pensamento bem como as possibilidades e as formas possíveis de expressar esse pensamento.

A possibilidade de expressão do pensamento proposta por Deleuze é bastante inovadora, uma vez que ela se encontra na conjunção entre o filosófico e o não-filosófico (arte e ciência). A proposta deleuziana de uma “filosofia da diferença”, segundo Vasconcelos, funciona como uma “linha de fuga em face das armadilhas impostas pela representação clássica” (VASCONCELLOS, 2005, p. 02), o que justifica a escolha de Deleuze por encontros com filósofos como Nietzsche, Spinoza, Bergson, Schopenhauer, dentre outros, que, apesar de serem hoje, filósofos consagrados, de alguma maneira procuraram escapar dessas armadilhas. Nota-se que o que interessa a Deleuze não é privilegiar a filosofia, a ciência ou a arte, a ele importa, antes de mais nada, tornar possível o pensamento, mais especificamente, uma nova forma de pensamento.

Expressar o pensamento mediante atividade de criação conceitual é uma proposta que tem como objetivo, retirar a filosofia do imobilismo ocasionado pela filosofia da representação. Para explicar o que entende por filosofia da representação, Deleuze faz uma distinção entre duas imagens de pensamento: uma definida como moral, representativa, dogmática e a outra que seria nova, porque proposta por ele, de um pensamento sem imagem. A imagem dogmática se refere à perspectiva racionalista tradicional da filosofia que, na visão do filósofo, precisa ser denunciada e combatida.

Segundo ele, em *Nietzsche e a Filosofia* (1976, p. 85), a constituição dogmática do pensamento pode ser compreendida a partir de três premissas: pensar verdadeiramente depende apenas do exercício natural da faculdade racional; podemos cair no erro por conta de forças externas que se opõe à natureza reta do pensamento; para pensar bem e verdadeiramente basta apenas um bom método. De acordo com Deleuze, o ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural, ele não pensa sozinho e por si mesmo, tampouco é perturbado por força alguma, pelo contrário, necessita de forças externas que se apoderem dele, fazendo-o sair de sua imobilidade, provocando encontros, intercessões.

1.2- O que é pensar (filosofar)?

Na introdução de “*O que é a Filosofia ?*”, uma questão é posta de maneira muito íntima: “mas o que é isso que fiz toda a minha vida?” (DELEUZE; GUATTARI, p.09). A resposta não se limita a apenas acolher a questão mas, já aponta para a necessidade de se estabelecer o quando e como ela poderia se realizar, ou seja, determinando a hora, a ocasião, circunstâncias, paisagens, personagens, condições e incógnitas.

Para Deleuze e Guattari, “a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos, pois os conceitos não são achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente é a disciplina que consiste em criar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, p.13).

Essa definição de filosofia enquanto criação conceitual é composta por três elementos: o conceito, o plano de imanência e o personagem conceitual. Para Deleuze, fazer filosofia é traçar planos, inventar personagens e criar conceitos. São esses três verbos, traçar, inventar e criar que constituem o ato de filosofar, e não contemplar, refletir e comunicar, atitudes com as quais a filosofia foi identificada desde Platão. A filosofia não é contemplação porque a contemplação não é criativa, não é comunicação porque esta visa tão somente o consenso e não o conceito e não é reflexão porque, conforme as palavras do próprio Deleuze e Guattari (1992, p.14), “ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja”.

A filosofia é um processo de criação de pensamento, logo, o filósofo não é reflexivo, ele é criador assim como o cientista e o artista, porém, a ciência se ocupa em criar funções, a arte cria percepções sensíveis e a filosofia cria conceitos. Esse processo de criação se dá a partir de conceitos extraídos da própria filosofia bem como de elementos não conceituais oriundos de domínios extra-filosóficos, especialmente da arte.

Para entendermos o projeto filosófico deleuziano, faz-se necessário responder a duas questões fundamentais: O que é o conceito? Como são criados os conceitos filosóficos?

Para Deleuze e Guattari, o conceito resulta da criação que se dá no plano de imanência, ou seja, no campo de experiências vividas ou possíveis de serem vividas, o horizonte dos acontecimentos, das criações, dos conceitos. O plano de imanência é

pré-filosófico, não é o mesmo em todos os períodos da história, já é povoado por conceitos, portanto, atua como uma imagem do pensamento e, ao promover um corte no caos, apela para a criação de novos conceitos.

Para o filósofo, traçar o plano de imanência ou criar uma imagem de pensamento de um autor (filósofo, artista ou cientista) é pintar o seu retrato, porém esta atividade só acontece mediante investigação orientada pelo próprio pensamento do autor para poder escolher (se apropriar/desterritorializar) os conceitos chaves, revelar os problemas que o levaram a criar tal conceito clarificando-os de maneira problematizada. Imitá-lo apenas, não é fazer filosofia e sim fazer história da filosofia, entretanto, a arte do retrato não deve abandonar a História da Filosofia, mas, propor uma nova relação com ela retratando-a, ou seja, o retratista deve mesclar seus próprios pensamentos com os dos outros filósofos (ressignificando-os/reterritorializando-os) como uma espécie de relação “entre dois”, um agenciamento, uma mistura do mesmo e do outro, onde o modelo é o mesmo e o outro é o olhar particular sobre o modelo, resultando dessa relação semelhanças que não devem ser confundidas com o modelo mesmo.

Ao contrário da noção metafísica do conceito como verdade, como representação universal, o que Deleuze e Guattari chamam de conceito é apenas a expressão de sentidos e está enraizado na experiência presente e sempre transitória, trata-se de uma maneira de ordenar o caos mediante uma atividade contínua de criação que se faz no plano de imanência porque trata-se de uma busca em situar os eventos/elementos no tempo e no lugar onde se vive. Para eles, criar conceitos é intervir no mundo transformando-o, é criar um mundo à sua maneira. Segundo Gallo (2017, p. 38), é “uma aventura de pensamento que institui um acontecimento”. Não é o conceito que funda a realidade, pelo contrário, ele brota dela, é imanente à ela.

Os conceitos possuem algumas características básicas: é um todo fragmentado, ou seja, uma multiplicidade, são criados em função de problemas mal vistos ou mal colocados, tem uma história pois não são criados a partir do nada, é uma heterogênese uma vez que os componentes são ordenados por zona de vizinhança, é incorporal pois apenas diz o acontecimento, é absoluto em relação a si mesmo e relativo em relação ao seu contexto, não é discursivo porque não encadeia proposições e, finalmente, necessitam ser assinados. A assinatura do conceito é uma

espécie de “batismo” que remete ao estilo particular de pensar e escrever, é como se cada filósofo assinasse o mundo por meio de seus conceitos.

A enunciação filosófica se dá através de personagens conceituais, que precisam ser inventados pelo filósofo. Trata-se de uma fala em terceira pessoa, ou seja, não é o filósofo que diz, ele apenas pensa por intermédio de seus personagens que são os verdadeiros agentes de enunciação. Nem sempre um personagem conceitual aparece ou precisa aparecer nomeado como o Sócrates do platonismo ou o Zaratustra de Nietzsche, todavia ele necessita estar lá, ele é o devir ou o sujeito de uma filosofia, é quando o personagem se torna filósofo e este se torna personagem. De acordo com as palavras do próprio Deleuze e Guattari,

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste. O filósofo é a idiossincrasia de seus personagens conceituais. E o destino do filósofo é transformar-se em seus personagens conceituais, ao mesmo tempo que estes personagens se tornam, eles mesmos, coisa diferente do que são historicamente, mitologicamente ou comumente. (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 86)

Como os planos não estão previamente traçados nem os conceitos são deduzidos a partir do plano, é necessário o personagem para traçar o próprio plano bem como criar os conceitos sobre o plano, sendo assim, o personagem conceitual, ora precede o plano, ora segue-o. É ele que mergulha no caos para tirar dele determinações com as quais será composto os traços do plano de imanência. De acordo com Deleuze e Guattari, eles “operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervém na própria criação de seus conceitos” (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 85).

Os conceitos criados, segundo essa perspectiva de filosofia deleuzo-guattariana, não tem seu valor conforme um critério de verdade, isto porque para os filósofos, “a filosofia não consiste em saber, e não é a verdade que inspira a filosofia, mas categorias como as do Interessante, do Notável ou do Importante que decidem sobre o sucesso ou fracasso” (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 108). Em relação à

categoria do interessante os franceses, mais uma vez, atacam os universais como conceitos apresentados como formas e valores eternos e, portanto, desinteressantes.

Conforme a interpretação de Silvio Gallo, essas três categorias são eco da filosofia nietzschiana segundo a qual não importa se o conceito é verdadeiro ou não, se o compreendemos ou não, o que importa é se ele opera no nosso pensamento, se ele nos força a pensar, se ele funciona como um fermento que faz multiplicar e crescer as possibilidades de pensamento. No entendimento de Martha Solange Perussi (2001, p. 173), para Nietzsche, a “verdade é uma mentira que não se admite como mentira, [sendo assim] ela nega o que a vida tem de mais rico: a multiplicidade”.

Deleuze assume essa perspectiva nietzschiana de abandonar a busca pela verdade que tende a aniquilar a vida, engessá-la em uma forma única, em detrimento de outros domínios que, ainda que sejam apenas ilusões, como o caso da arte, por exemplo, que se sabe e se quer como ilusão, são mais verdadeiros pelo fato de que não têm a pretensão de serem verdadeiros. Para Nietzsche, a arte é muito mais veraz porque admite-se como ilusão enquanto que a verdade ao pretender-se verdadeira, não passa de uma ilusão. Além de que a arte é, para o filósofo alemão, uma maneira de manifestar a vida e a sabedoria, de afirmar a vida.

Em obras como *O nascimento da tragédia* encontramos uma filosofia que propõe ver a sabedoria com a ótica do artista e a arte com a ótica da vida e, em *Humano, demasiado humano*, a proposta de considerar a vida mesma como arte. No nosso entender, Deleuze teria se contaminado com essa proposta que não dissocia vida e arte e mais, a inter-relação dinâmica entre sabedoria e arte é vista por ele como potencialmente afirmadora e criadora da vida. Daí sua proposta de uma filosofia que tem como tarefa “mostrar como a vida, a filosofia e a arte podem ter uma relação de profundo parentesco, sem que a filosofia se torne linear e plana nem a vida do filósofo se torne mentirosa” (NIETZSCHE, s.d., p. 116), conforme as palavras do seu próprio mestre, Nietzsche.

Deleuze se apresenta então, como um experimentador, aquele que o é por experiência e se propõe a colocar em prática uma nova forma de pensar que, para Nietzsche deve ser necessariamente como algo leve, divino e intimamente aparentado à dança e à exuberância, em oposição à tarefa árdua e penosa, o pensar dos eruditos. A leveza, o movimento em contraposição ao espírito de peso da verdade, possibilitaria para Nietzsche, e consequentemente para Deleuze, a afirmação da vida, uma vez que

permitiria a multiplicidade, enquanto a verdade, ao se pretender unitária, ficaria presa em si mesma.

Será que todas essas características estão presentes na arte? A arte tem todo esse potencial? Pode a filosofia se apropriar dessas características? Uma vez realizado esse intento, pode-se continuar falando em filosofar? Que espécie de filosofia seria e que características teria? Deleuze, seguindo os rastros de Nietzsche, nos diz como se faz filosofia com e como dança, com e como canto, ou seja, com arte, especialmente a arte literária.

1.3 - Literatura ou pensamento nômade: uma forma possível para expressar o pensamento

Embora já se tenha tratado da questão anteriormente, vale lembrar que o pensamento filosófico de Deleuze se caracteriza pelo agenciamento de diversos teóricos dos mais diversificados domínios do pensamento. Seus conceitos são criados a partir de elementos extraídos dos mais variados campos de investigação, de modo que suas concepções não advém apenas de produções filosóficas. O filósofo também fundamenta sua filosofia em outras atividades do pensamento tais como as literárias, artísticas e até mesmo científicas. Sendo assim, não há novidade alguma em afirmar que Deleuze propõe uma inovação no ato de filosofar ao afirmar que pensar filosoficamente é criar.

A filosofia da diferença deleuziana busca ampliar os limites do pensar e do dizer de tal forma que essa busca resulta na proximidade de seu pensamento com a arte. A propósito dessa aproximação, podemos afirmar que o pensamento filosófico de Deleuze tem grande afinidade com a arte, especialmente com a literatura, na qual o filósofo encontra condições para apreender seus conceitos em filosofia. Tais condições levam Deleuze a determinar a literatura como uma das atividades (senão a melhor) que apresenta as características necessárias para a criação dos conceitos filosóficos. Trataremos de explicitar de maneira breve e sucinta a natureza dessa relação entre filosofia e literatura a partir de dois textos, especificamente: *Kafka: por uma literatura menor* e *Pensamento nômade*.

Em *Kafka – Por uma literatura menor*, Deleuze apresenta a literatura como um instrumento de que se serve, com a qual estabelece uma relação experimental e faz

funcionar os conceitos por meio dos quais pensa a vida em sua multiplicidade, em seus devires deixando evidente que a literatura desempenha um papel significativo em sua filosofia.

Segundo Orlando Gomes em *Deleuze, literatura e afirmação ontológica*, o cruzamento entre filosofia e literatura é, para Deleuze, uma questão de funcionamento. Quando o filósofo se aproxima de um escritor, quando se alia com esse escritor, com uma obra sua ou um de seus personagens, quando valoriza uma frase desse escritor, “ele está compondo, tecendo o fio de sua filosofia, imergindo a literatura no meio dos problemas de seu interesse filosófico” (GOMES, 2000, p.133). Em suas obras, Deleuze evoca constantemente vários escritores, artistas por possibilitem, segundo ele em *Kafka – Por uma literatura menor*, uma maior eficácia na criação dos conceitos filosóficos. Desse modo, a sua filosofia “forma uma aliança produtiva, criativa, inventiva com escritores, personagens e situações literárias” (GOMES, 2000, p.134).

Para Deleuze, a arte não é um objeto para a reflexão filosófica, também não é concebida como refúgio. A importância atribuída pelo filósofo a literatura se deve ao fato de que ela faz pensar, retira o pensamento de suas possibilidades abstratas, é um instrumento com o qual se pode traçar novas linhas de fuga, “a(s) menos significante(s) possível(eis)” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 15), para o pensamento. Podemos pensar essa fuga como um processo de criação, de produção, de experimentação, pois essas fugas representam o rompimento com os padrões literários estabelecidos, possibilitando a criação, a produção de uma linguagem reinventada, a partir de uma nova técnica de escrita.

Essa nova técnica se caracteriza pelo estabelecimento de contraposições à representação, buscando outras formas de significação. Trata-se de proposta de um novo estilo literário que permite novas experimentações linguísticas, ou como escreveu Deleuze, “inventar na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira” (DELEUZE, 2011, p. 09). Essas experimentações desvinculam a obra literária comumente direcionada apenas para uma interpretação.

Em *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze aponta para o desejo como responsável pelas condições dessa nova técnica de criação. Segundo o filósofo, esse novo estilo se configura numa experimentação intensiva pois não se encontra atada à escrita nem à composição da técnica comum que condiciona o pensamento à palavra.

Deleuze comprehende tanto a filosofia quanto a literatura como “máquinas” desejantes. É como uma máquina de desmantelamento que o filósofo lê a obra de Kafka, por exemplo. *Em Kafka: por uma literatura menor*, a obra do autor de *A metamorfose* e *O Processo*, é tratada como “um ato de insubmissão aos jogos de força em que as únicas saídas para o desejo são as formas de um desejo impedido e submetido ou de um desejo que submete, que julga e que condena” (ALBUQUERQUE, 2000, p.151).

Nesse sentido colocado por Albuquerque, a literatura kafkiana funciona como uma máquina de desmantelamento dos jogos de força, recusando tudo que possa resultar em um bloqueio do desejo, buscando justamente o contrário, ou seja, libertá-lo da paralisia (atenção ao conjunto, detalhes, técnica, composição, poder das palavras). Essa libertação do desejo na literatura de Kafka é possível graças ao “princípio das entradas múltiplas”¹³, que sozinho impede, segundo Deleuze, “a entrada do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que apenas se propõe, de fato à experimentação” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 10)

De acordo com a leitura de Deleuze, o desejo é pensado por Kafka como um campo de intensidades que, liberto das formalizações rígidas, cria uma linha de fuga por onde os conteúdos se libertam de suas formas do significante [...], que as formalizava (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 27). Esse movimento de se libertar das formalidades é alcançado por Kafka em outra esfera, a do devir animal.

De acordo com Deleuze,

Devir animal é precisamente fazer o movimento, traçar a linha de fuga em toda a sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um continuum de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem, todas as significações também, significantes e significados, em proveito de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos assignificantes. (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2017, p. 27)

A definição acima, no entendimento de Albuquerque, leva a conclusão de que o devir não implica em “atingir uma forma, seja por identificação ou imitação, mas encontrar uma zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação [...] ele

¹³ Deleuze concebe a obra de Kafka como um rizoma com várias entradas, de modo que se pode entrar por qualquer parte da obra, já que não há privilégio de uma entrada sobre as outras. Basta estabelecer conexões entre a entrada escolhida e as demais de modo que se consiga traçar o mapa do rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 9-10)

(o devir) é sempre um processo de desterritorialização" (ALBUQUERQUE, 2000, p.152).

Sendo a literatura uma experimentação, "sem interpretação nem significância" (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 16), ela passa a ser uma produção do real e não mais uma mera representação da realidade, portanto, ela não pode ser tomada como um procedimento metafórico, representativo. Deleuze cita Kafka que diz: "As metáforas são uma das coisas que me tiram a esperança da literatura" (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 10), para atribuir ao literato a morte deliberada da metáfora, do simbolismo, da significação, da designação.

Se a literatura é uma experimentação, o escritor literário é um experimentador. Contudo, Deleuze não vê o escritor como aquele que simplesmente narra uma história de vida pessoal, mas sim como um homem político, um homem máquina. Alguém que é portador de um agenciamento coletivo de enunciação. Portanto, a literatura também é pensada pelo filósofo como política, coletiva, maquinária.

Diante dessa concepção de literatura, não faz sentido perguntar pelo autor já que não há sujeito de enunciados ou enunciação mas sim agenciamentos coletivos, pois o campo político contamina o enunciado (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 37). Essa escrita literária é chamada por Deleuze de "literatura menor".

O termo menor, para o filósofo não é sinônimo de uma literatura feita numa língua menor, mas aquela que poucos escritores fazem em uma língua maior. Em *Kafka: Por uma literatura menor*, Deleuze elenca três características dessa literatura menor: a desterritorialização, o caráter político e o caráter coletivo. Essas três características estão diretamente relacionadas, uma vez que a literatura como agenciamento coletivo de enunciação é uma literatura onde tudo é imediatamente político e coletivo.

Escreve Deleuze:

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que "menor" não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda a literatura no seio daquela que se chama grande (ou Estabelecida). Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura deve escrever em sua língua como um judeu tcheco escreve em alemão, ou como um uzbeque escreve em russo. (DELEUZE; GUATTARI; 2017, p. 39)

As três características apontadas por Deleuze deixam explícito que a literatura menor implica em um uso diferente da linguagem. Não se trata mais de entender e operar a linguagem de maneira simbólica ou representacional como se esta fosse um sistema homogêneo e equilibrado. Portanto, na literatura menor, o procedimento é fazer passar algo incodificável pelos códigos, fazer a língua gaguejar, produzir intensidades, operar poeticamente.

Dito de outro modo, a desterritorialização da língua se dá mediante o uso menor de uma língua maior, ou seja, quando se ignora as funções de designação, significação e informação da linguagem, fazendo dela um instrumento de poder e resistência. Àqueles que precisam resistir (minorias), é impossível não escrever, porém, há impossibilidades de escrever linguisticamente (discursos estabelecidos) e, ao mesmo tempo, não se pode escrever de outro modo. A saída é a criação literária, através da qual o escritor se apresenta como estrangeiro em sua própria língua, produzindo uma linguagem afetiva, intensiva, gaguejante, desterritorializada e desterritorializante ao mesmo tempo.

Uma literatura que consegue fazer passar algo de incodificável sob os códigos, liga o individual ao imediatamente político, ou seja, o que aparece como um caso individual passa a ser considerado análogo a outros casos possibilitando a discussão e o estreitamento das fronteiras entre esses casos. Ou seja:

[...] seu espaço (da literatura menor) exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual torna-se, então, mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, quanto toda uma outra história se agite nela. (DELEUZE: GUATTARI, 2017, p. 36)

A união de uma individualidade a outras individualidades ou então a um meio social passível de repetição de outros casos é o que sugere uma ligação política. Essa ligação promove um desdobramento na escrita resultando em algo para além do sujeito individual tomando um valor coletivo, ou seja, não é o escritor mas sim uma coletividade. Assim,

Não há sujeito, há apenas agenciamentos coletivos de enunciação – e a literatura exprime agenciamentos, nas condições em que eles não estão dados fora dela, e em que eles existem somente como potências diabólicas porvir ou como forças revolucionárias a construir. [...] A letra K não designa mais um narrador nem um personagem, mas um agenciamento tanto mais maquinico, um agenciamento tanto mais coletivo quanto mais um indivíduo

se encontre a ele ligado em sua solidão. (DELEUZE: GUATTARI, 2017, p. 38)

A potencialidade dessa linguagem literária em perspectiva política é possibilitar os devires como novos modos de existência, os quais se caracterizam como movimentos de desterritorialização proporcionando resistência à limitação da produção criativa. Os novos paradigmas da escrita a configuram como uma máquina revolucionária porvir, uma vez que não se trata apenas de escrever para calar, não se trata de uma escrita alheia, limitada e submissa a preceitos conceituais, muito pelo contrário, como “tarefa do povo”¹⁴, a criação literária se apresenta como estratégia para fugir da máquina dominante que impede diferentes maneiras de existir.

Essa maneira de ler a obra de Kafka é extremamente devedora da leitura deleuziana de Nietzsche. Em *Pensamento Nômade*¹⁵, Deleuze exalta enfaticamente o estilo aforismático nietzschiano. O mesmo é saudado como uma nova forma de escrita, radical e revolucionária, em oposição ao que foi construído pela tradição filosófica. Tradição que esquematiza e sistematiza, busca organizar o real reduzindo tudo à proposições e conceitos rigorosamente estruturados, codificados. Já o aforismo não tem nada a ver com sistemas, fórmulas, códigos ou conceitos.

Na leitura que Deleuze fez do aforismo, no seu texto *Pensamento Nômade*, é possível assinalar as características fundamentais da escrita aforística, descrita pelo filósofo francês como um pensamento nômade, como uma máquina de guerra contracultural. Os quatro traços apontados por ele são: a sua relação com o exterior, com as intensidades, com o humor e a ironia e com o nomadismo.

Nietzsche é visto por Deleuze como o polonês¹⁶ que se apodera da língua alemã para montar uma máquina de guerra através da qual faz passar tudo o que não é codificável em alemão. Podemos entender essa máquina de guerra como sendo a literatura que, para Deleuze, pode fazer passar a filosofia.

¹⁴ Deleuze afirma, em *Kafka: por uma literatura menor* (2017 p. 37), que: “A literatura é a tarefa do povo”

¹⁵ Trabalho apresentado por Gilles Deleuze, no encontro *Nietzsche hoje?*, realizado em Cerisy-la-Salle, em 1972.

¹⁶ Apesar de ter nascido em Röcken, na Saxônia prussiana, Nietzsche teria cultivado a ideia de que era um cavalheiro polonês puro-sangue. Em *Ecce Homo*, Nietzsche escreve: “Todavia, os meus ancestrais eram nobres poloneses: muitos instintos raciais permaneceram no meu sangue; quiçá, talvez, também o *liberum veto*. Se penso quantas vezes, quando em viagem sou tomado por polaco, pelos próprios polacos, e quanto é raro me tomarem por alemão, sou levado a crer-me somente salpicado aqui e acolá de germanismo” (NIETZSCHE, 2002, p. 40). Mesmo parecendo sem fundamento, Deleuze parece acreditar nessa ideia de que Nietzsche era de origem polonesa.

Dentre as características apontadas por Deleuze, de um aforismo nietzsiano, a primeira é a relação com o exterior. Sobre esta característica Deleuze escreve:

Com efeito, quando se abre ao acaso um texto de Nietzsche, é uma das primeiras vezes que não passamos mais por uma interioridade, seja a interioridade da alma ou da consciência, a interioridade da essência ou do conceito, ou seja, daquilo que sempre fez o princípio da filosofia. O que faz o estilo da filosofia é o fato de que a relação com o exterior sempre é mediada e dissolvida por uma interioridade, numa interioridade. Nietzsche, ao contrário, funda o pensamento, a escritura, sobre uma relação imediata com o exterior. (DELEUZE, 1985, p. 60)

Na passagem acima podemos constatar que o aforismo é apresentado como o absolutamente oposto da filosofia representativa, pois não se constitui enquanto uma fórmula, um sistema. Não se constitui na expressão de uma interioridade, de um código ou conceito. Os textos aforísticos “são atravessados por um movimento que vem de fora, [...] e que é absolutamente diferente do imaginário das representações ou do movimento abstrato dos conceitos” (DELEUZE, 1985, p. 61) que se dão através de palavras.

Trata-se de um fluxo, um jogo de forças, um impulso lançado para o exterior “que não quer dizer nada, não significa nada, e não tem mais significantes do que tem significados” (DELEUZE, 1985, p. 61). Sendo, portanto, um estado de forças, o aforismo, que não é conteúdo, não precisa ser decodificado.

A afirmação deleuziana de que o aforismo não quer dizer nada, não significa nada, não tem significante nem significado e que é tão somente um estado de forças, nos faz pensar que esta é uma possível concepção de literatura do filósofo. Acreditamos que podemos dizer acerca da escrita literária, o mesmo que Deleuze disse acerca dos aforismos de Nietzsche: “(...) se você quiser saber o que eu quero dizer, encontre a força que dá um sentido, se for preciso um novo sentido ao que eu digo” (DELEUZE, 1985, p. 61).

O que Deleuze propõe é uma conexão entre o texto nietzsiano e as forças exteriores. Uma vez conectados, os problemas de interpretação dão lugar aos problemas de maquinção, ou seja, “procurar com qual força exterior atual ele (o texto-aforismo) faz passar alguma coisa” (DELEUZE, 1985, p. 62).

A filosofia enquanto criação conceitual é, no nosso entendimento, esse maquinar, o não se preocupar com o que o outro (filósofo, artista, cientista) quis dizer,

mas sim, aceitar a provocação contida na fala/escrita do outro e maquinar, produzir outras falas/escritas a partir daquela.

A segunda característica, traço singular do aforismo, é sua relação com o intensivo, ou seja, com estados vividos que não devem ser traduzidos em representações ou fantasmas nem podem ser codificados, seja pela lei, pelo contrato ou pela instituição. Segundo Deleuze,

O estado vivido não é algo subjetivo, ou não o é necessariamente. Não é algo individual. É o fluxo e a interrupção do fluxo, já que cada intensidade está necessariamente em relação com uma outra de tal modo que alguma coisa passe". (DELEUZE, 1985, p. 63)

Entendemos que a literatura, para Deleuze, também tem essa relação com o intensivo, também é uma escritura de intensidades como o aforismo nietzschiano. Da mesma forma que a escritura em intensidade de Nietzsche nos diz, na interpretação de Deleuze, para não trocar intensidades por representações, a escrita literária nos sugere que ela “não remete nem a significados que seriam como a representação de coisas, nem a significantes que seriam como representação de palavras” (DELEUZE, 1985, p. 62).

A terceira característica do aforismo está relacionada com o humor e com a ironia. Em contraposição à seriedade, ao espírito de peso da filosofia tradicional, a alegria presente na escrita aforismática.

Ao longo da história, a filosofia buscou justificar diversos sistemas de ideias, fundamentar alguns valores que teriam levado a humanidade à decadência que se evidencia, segundo Deleuze, na “maneira pela qual experimentamos a necessidade de situar a angústia, a solidão, a culpabilidade, o drama da comunicação, todo o trágico da interioridade” (DELEUZE, 1985, p. 63).

Deleuze afirma que o instrumento do aforismo é o riso, a ironia e não o significante que, nas palavras do próprio filósofo, é o “último avatar filosófico do despota” (DELEUZE, 1985, p. 66). É possível considerar este aspecto do aforismo como sendo também um aspecto da escrita litero-filosófica? Sim. “Se você colocar o pensamento em relação com o exterior, nascem os momentos de riso dionisíaco, é o pensamento ao ar livre” (DELEUZE, 1985, p. 64). Entretanto, para que esse pensamento se torne possível, “o filósofo deve tornar-se leve e dançarino, brincar com as palavras, jogar com as metáforas” (BERRENÉCHEA, 1985, p. 109).

A quarta característica é o resultado da conjugação das outras três. Exterioridade, intensidade, humor e ironia conjugadas, resultam no traço mais marcante do aforismo: o nomadismo.

Segundo a leitura que Deleuze faz de Nietzsche e sua *Genealogia da Moral*, nas bases das comunidades rurais primitivas, sempre existiram dois fenômenos correlatos e ao mesmo tempo distintos, ou seja, o pensamento oficial (filosofia instaurada) e o pensamento nômade.

Nos primórdios da filosofia ocidental, o filósofo/pensador agia como um legislador, aquele que avalia e interpreta o mundo dando sentido a todas as coisas. Em seguida sua função muda, de interprete e regente de todas as coisas passa a atuar como um funcionário do poder estabelecido, a serviço do estado político e jurídico dominante. Como um escriba, atuava no centro das comunidades, mantendo-as presas e fixas à máquina burocrática do déspota. Finalmente, o filósofo burocrata passa para a condição de padre, que sustenta e corrobora os valores vigentes.

Enquanto na periferia, “as comunidades entram numa outra espécie de aventura, numa outra espécie de unidade desta vez nomádica, numa máquina de guerra nômade, e se decodificam ao invés de se deixarem sobrecodificar” (DELEUZE, 1985, p. 65). São os pensadores nômades, marginais, os “outros”, sem cátedra nem discípulos que surgem questionando, se opondo ao déspota e sua máquina administrativa, ou seja, ao pensamento filosófico oficial.

O pensamento nômade é para Deleuze, uma espécie de discurso que se opõe ao discurso produzido por máquinas racionais administrativas, por filósofos burocratas da razão. É um pensamento livre, sem compromisso com a lei, com a instituição, com o contrato, ou seja, com as doutrinas oficiais, nem mesmo com as burocracias universitárias. Pensar nomadicamente significa viajar sem sair do lugar. Trata-se de uma viagem em intensidade, ou seja, permanecer no mesmo lugar, porém, escapando dos códigos.

A permanente mobilidade, o contínuo deslocamento do pensamento significa embarcar num exercício de completo nomadismo, se aventurar por caminhos ainda não caminhados, ou seja, filosofar de modo criativo. Abandonar o papel de camelo que só serve para carregar fardos imperiais e fazer do pensamento uma potência nômade, é um caminho possível para o encontro com a alteridade.

Essa proposta de filosofia feita com e como dança, com e como canto, que consegue se desvencilhar do sério e pesado, que se apresenta como um discurso, antes de tudo, nômade e intempestivo, tem nome. É o que Deleuze denomina de 'Pop Philosophie'.

1.4 – O que é uma Filosofia Pop?

Na obra *Diálogos* de Deleuze com Claire Pernet, o filósofo francês afirma que “os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que lhes convêm ou não, que passam ou não passam. Pop’ filosofia. Não há nada a compreender, nada a interpretar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.12). Em *Assim falou Zarathustra*, Nietzsche narra através do canto, de um canto que dança, o que nos leva a entender que seria uma forma de expressão da arte enquanto movimento que é, a intrínseca relação entre vida e sabedoria.

Segundo Márcia Tiburi,

O termo Filosofia Pop se tornou uma espécie de contraponto à filosofia acadêmica [...] feita de bases tão pesquisadas quanto as acadêmicas [...] é um modo de escapar da pompa e circunstância que caracterizam o eruditismo pedantista [...] é a chance de fazer filosofia como murmúrio, como a experiência democrática da linguagem que se estende a todos os fenômenos que nos chamam a atenção[...]. (TIBURI, 2011, pg.07)

Entendemos que, experimentar a Pop’ filosofia seria ouvir esses sons (canto) e dança-los (criar) para que possamos embelezar a vida saindo da posição de contempladores. Fazer filosofia como canto que dança é narrar os sucessivos encontros com a vida. É adquirir hábitos e atributos de criador. Pois, segundo Nietzsche em “O Canto da Dança” (2012, p. 109), por mais que a vida pareça insondável, ela é apenas inconstante e selvagem, ou seja, ainda que a vida pareça imperscrutável, ela é apenas mutável. Não há nada de metafísico ou transcendente de modo que cada pessoa pode ser artista de sua própria existência, ou seja, descobrir sua própria alteridade.

O pensar deleuziano enquanto experiência, viagem, encontro, que se propõe a pensar sem imagem, os acontecimentos, se apresenta como o diferente, uma vez que tudo passa a ser concebido como processo de criação. Quando se pensa, não se está reconhecendo algo, portanto, não necessita de um método aplicado corretamente. Se

as perguntas não se dirigem à essência das coisas, se não há preocupação com a verdade, então a filosofia, o pensamento pode se dirigir ao seu outro, o diferente, ou seja, o impensável, o intratável, a exterioridade.

Pensar, na perspectiva deleuziana, é encontrar signos que digam o acontecimento. Pensar por conceitos é se manifestar linguisticamente, é experimentar o mundo enquanto devir, é sobrevoar o vivido com o intuito de ressignificá-lo como se o filósofo/criador fosse ignorante das verdades estabelecidas e recebidas pela tradição.

Para entendermos essa perspectiva assumida por Deleuze é necessário compreender três conceitos fundamentais em suas obras: “imagem de pensamento, intercessores e leitura em intensidade”.

Fica claro que para Deleuze, uma imagem de pensamento de um autor pode levar a algo além de apenas pintar retratos, pode se configurar num intercessor vindo a promover “encontros que fazem com que o pensamento saia da sua imobilidade natural, de seu estupor, (pois) sem os intercessores não há pensamento” (VASCONCELLOS, 2005, p. 5). Entretanto não basta ser intercessor, precisa ter intensidade. Sendo assim, não importa a categorização dos intercessores ou o que estes dizem, mas se o que dizem funciona.

Logo, intenso é aquele intercessor que se manifesta ou se faz sentir de maneira tal que retira-nos da indiferença, permitindo que algo em nós se ponha em movimento, ou seja, quando promovem uma espécie de violência no pensamento produzindo uma quebra, uma espécie de dúvida acerca das certezas da razão, nos obrigando a inventar novas formas de estar no mundo, um outro lugar para morar, ou seja, criar novos conceitos.

Fazer uma leitura em intensidade significa ler de modo “rebelde”. De acordo com Deleuze, uma boa maneira para se ler hoje:

[...] é conseguir tratar um livro como se escuta um disco, como se vê um filme ou um programa de televisão, como se recebe uma canção: qualquer tratamento do livro que reclamasse para ele um respeito especial, uma atenção de outro tipo, vem de outra época e condena definitivamente o livro. (DELEUZE, 1998, p. 09)

Segundo Charles Feitosa, essa maneira de ler (de escrever e de pensar), proposta por Deleuze, pode ser entendida como uma Filosofia Pop. O termo pop, no sentido em que foi empregado por Deleuze, na interpretação de Feitosa, não é

sinônimo de comercial, superficial, fácil, que está na moda, da ordem do imediato, mas “como algo imaginativo, rebelde, original, irreverente, crítico e alegre” (FEITOSA, 2001, p. 99). Ler no sentido pop, é não se ater a necessidade de nobreza das fontes, já o pensamento pop é um pensamento-acontecimento, sem imagem definitiva, e o escrever está relacionado ao caráter experimental e criativo da filosofia deleuziana.

Conforme o exposto, a filosofia pop se caracteriza por colocar em relação constante diferentes saberes, uma vez que a filosofia criativa se produz a partir desses encontros de alteridades (filosófico e não-filosófico). Na filosofia pop os intercessores são essenciais, são eles que mobilizam o pensamento para criar problemas. Sem eles não há pensamento ativo, inventivo, criativo.

A filosofia, mediante criação de conceitos é uma tentativa de recortar o caos e reagir contra a opinião. Seu objetivo “não é vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas” (GALLO, 2017, p. 49). O filósofo, assim como o artista e o cientista, permitem a multiplicidade mediante a criatividade, já a opinião, impõe uma ditadura homogeneizante de pensamento (midiático) apressado, fácil, que tende sempre para o mesmo. Do ponto de vista de Deleuze e Guattari, se nos contentarmos apenas em raspar, limpar, fazer reluzir ossos de esqueletos estaremos nos intimidando a criar.

Sendo assim, o ensino de filosofia mediante criação conceitual implica em ensinar a pensar. O ato de pensar é por si só uma criação, ao contrário da reflexão, que é uma espécie de revisão do que foi criado pelos outros. O mínimo a se exigir da filosofia, hoje, é que ela, pelo menos, se proponha a despertar conceitos adormecidos, relançando-os em novos planos, ainda que seja para colocá-los contra eles mesmos.

Pensamos ser possível realizar um trabalho produtivo e criativo, na perspectiva deleuziana de uma filosofia pop, se contemplarmos temas que tem relação com a vida dos jovens em sociedade, contemporâneos à eles. Porém, uma filosofia não é pop apenas por abordar temas contemporâneos. Estes precisam remeter a conceitos que sejam interessantes, notáveis e, ao mesmo tempo, importantes. Para tanto, faz-se necessário um “bom gosto filosófico” para conseguir traçar um plano que “opere por abalos”, inventar personagens “que operem por solavancos”, de modo que se possa criar conceitos “que operem por saraivadas” (CORRAZA, 2006, p. 108). Não dá para saber se o resultado foi pop sem antes executar o processo que demanda, por parte do professor, uma certa capacidade de artistagem.

1.5 - A crônica como um gênero “pop filosófico”

A palavra crônica procede do grego *chronos*, cujo significado implica a noção de tempo. Trata-se de discurso narrativo que segue uma ordem cronológica e retrata acontecimentos diversos do cotidiano.

No Brasil, a crônica nasceu como um gênero literário ligado ao jornal, como se fosse uma espécie de filha deste e antes de ser crônica propriamente dita, foi “folhetim”. Porém, a crônica tem uma história um pouco mais antiga, uma vez que já se ocupou de narrar fatos históricos segundo uma ordem cronológica, vindo a se tornar precursora da historiografia moderna.

Presa aos feitos humanos, a crônica pode se constituir em testemunho de vida. Enquanto narrador da história, o cronista se mostra uma espécie de poeta dos acontecimentos, artesão da experiência que transforma o vivido em narrativa. É aquele que sempre está lançando um olhar fora de si, sobre o outro, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Hoje, a crônica enquanto gênero literário, considerada por alguns como “gênero menor”, é muito diferente da crônica histórica. Pode-se dizer que ela “ocupa um espaço fronteiriço entre a grandeza da história e a leveza atribuída à vida cotidiana” (CASTELO, 2007). Despretensiosa, insinuante e reveladora, busca relatar ou comentar fatos atuais que alimentam noticiários de jornais desde que estes se tornaram instrumentos de informação de tiragem relativamente grande e teor acessível, no século passado. Contudo, não é justo reduzi-la a um apêndice de jornal, de publicação efêmera. Muito embora seu intuito não seja a permanência, transportada para o livro, conquistou uma durabilidade muito maior do que se pensava.

Segundo José Castelo (2007), a marca principal da crônica brasileira está no fato de, ter ela se tornado, um espaço de liberdade, de criação. Na visão do crítico literário, o cronista Rubem Braga é um exemplo de escritor que desprezou normas e pompas literárias, desapegou-se dos cânones e gêneros e, com espírito livre como poucos, apostou tudo na crônica.

Para Antônio Cândido (2003), a crônica, com um ar despreocupado, de quem fala das coisas com simplicidade, brevidade e graça, além de entrar fundo no significado dos atos e sentimentos humanos, pode levar longe questões sociais,

políticas e até mesmo filosóficas de seu tempo. Pelo fato de ficar tão perto dos instantâneos da vida, das novidades, dos rápidos acontecimentos, age como quebra do monumental e da ênfase, da magnitude dos temas e da pompa da linguagem que passa uma falsa ideia de seriedade, de profundidade, enquanto a leveza é superficial.

Segundo Arrigucci, “desde o princípio, a crônica parece escolher uma linguagem lúdica e esvoaçante para cobrir o espaço enorme entre os grandes e pequenos eventos com que se defronta” (ARRIGUCCI, 1987, p. 57), dessa forma, a crônica pode dizer coisas sérias com leveza, divertindo, atraindo, inspirando e, ao mesmo tempo, abrindo discussões, polêmicas, questionamentos, revelando as fraturas expostas da vida social e política, fazendo com que palavras aparentemente banais alcem voo e descrevam seriamente as alegrias da vida, relatam caprichosamente os fatos e desenhem os tipos humanos, a exemplo de Machado de Assis que, em seus escritos demonstrou profundo interesse pelas questões sociais e políticas do seu tempo.

Sem a pretensão de informar, ensinar ou orientar, a crônica, enquanto gênero literário, não possui uma identidade única, mas uma grandeza de diversidade e diferença, pois, não está na posição de verdade, nem da imaginação, mas “entre”, elas. É um gênero altamente pessoal, íntima ante ao espetáculo da vida. O cronista é um nômade a transitar entre dois mundos: pode falar de si, confessar, desabafar, relatar, fatos que realmente viveu bem como mentir, distorcer, falsificar, imaginar. Sua grandeza está no fato de como o cronista manipula as duas coisas ao mesmo tempo, revelando sua capacidade de traçar o perfil do mundo e dos homens.

CAPÍTULO 2 – A experiência em sala de aula a partir da filosofia deleuziana.

2.1 – Descrição da proposta de intervenção

A sequência didática elaborada a partir da filosofia de Deleuze está organizada em cinco momentos: o encontro, a criação de imagem de pensamento, a invenção de personagem, investigação e a criação. Os recursos adotados para os cinco momentos respectivamente foram a obra *Capitães da areia* de Jorge Amado, a crônica intitulada “*Felicidade, uma promessa*” (Anexo C), atividade intitulada “*Jogo da verdade e da mentira*” (Anexo F), estudo em grupo de textos sobre o tema e, finalmente a criação (crônica). Quanto aos procedimentos metodológicos, estes se deram da forma e na sequência em que seguem descritos.

É possível que o leitor se pergunte qual a relação do livro *Capitães da areia* com nosso trabalho, ou então, porque foi escolhido este livro e não outro. Primeiramente, a escolha por este livro em específico está diretamente relacionada com o compromisso filosófico e também político, que assumimos neste trabalho, com a alteridade. *Capitães da Areia* apresenta uma linguagem própria de uma comunidade de vida, contextual, heterogênea e mutável. São várias histórias que tecem a trama da vida cotidiana, através das quais se fazem ouvir as vozes da diferença.

Por fim, escolhermos esta obra para que atuasse como intercessora pois, tínhamos como objetivo específico, promover o encontro, na perspectiva da pop filosofia, com alguns dos temas que a obra trata e que poderiam ser de interesse dos nossos alunos. Ainda podemos dizer que a obra promove, do ponto de vista político, um encontro com a própria alteridade.

Os temas abordados na obra são diversos. Além do abandono de menores e da ineficácia das instituições, podemos citar Família, Amor (carência afetiva), Felicidade, Sexualidade, Destino x Liberdade, Religiosidade, dentre outros. Alguns desses temas listados fazem parte da Proposta Pedagógica Curricular para o segundo ano do Ensino Médio, como a questão da liberdade humana, felicidade, amor, sexualidade. No intuito de não fugir do conteúdo programático da disciplina, que conta com duas horas aula semanais, escolhemos uma turma do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo Professor Eugênio de Almeida, localizado no distrito de Fluviópolis, em São Mateus do Sul – Paraná, para desenvolver nossa proposta de intervenção didática.

Capitães da Areia está inserido no contexto da Segunda Geração do Modernismo brasileiro. Trata-se de um romance neorrealista porque mistura influências do romantismo e do realismo. É considerado por muitos um livro panfletário, escrito em forma semelhante ao do folhetim, devido ao fato de apresentar capítulos relativamente curtos. De acordo com alguns historiadores, teria sido produzido desta forma com o objetivo de levar literatura às massas, conquistando mais leitores.

O livro que teria sido escrito durante a década de 30 e lançado no ano de 1937, foi queimado em praça pública logo em seguida, juntamente com outras obras de Jorge Amado. Os motivos? A obra tece uma profunda e explícita crítica social além de expressar um ideal político, justamente num período bastante conturbado mundialmente, quando, no Brasil se instalava o chamado “Estado Novo”.

Jorge Amado descreve os personagens de maneira verossímil, representando as múltiplas facetas da juventude da época, as quais entendemos serem as mesmas da nossa juventude de hoje. São diversas origens regionais, históricas, étnicas, sexuais, etc. Eram e são, portanto, alteridades. Nosso objetivo é, através da literatura promover o encontro entre essas alteridades.

Muitos de nossos jovens (alunos), apesar de não morarem nas ruas, encontram-se em condição de sobrevivência semelhante à dos capitães em decorrência de famílias desagregadas, violência no lar (maus tratos), podendo acrescentar ainda nos dias de hoje, o problema com as drogas, e o Estado tem sido como sempre, omisso em assumir responsabilidades.

Apesar de pouco abordar os conflitos internos dos personagens, é possível constatar que o personagem central da obra denominado Pedro Bala, ao descobrir quem é seu pai, vive o que podemos chamar de encontro com o outro de si mesmo, quando começa a se interessar por tudo que diz respeito a sua origem e principalmente a atuação política daquele que teria sido seu progenitor.

Ainda que a obra apresente os personagens como se tivessem o destino traçado em decorrência de fatores sociais, é possível perceber que eles fizeram escolhas que tiveram impactos profundos na vida de cada um.

2.2 - Descrição da intervenção didática

Com vistas a explicar como nos apropriamos da teoria filosófica de Deleuze para compor nossa estratégia de intervenção didática, bem como esclarecer os procedimentos metodológicos e recursos adotados, passaremos, a partir de agora a descrever como organizamos cada momento de nossa experiência.

A princípio, estabelecemos dez horas aula para a execução da proposta, porém algumas atividades exigiram um tempo maior que o programado de modo que finalizamos as atividades na décima quinta aula. Todas as atividades foram desenvolvidas durante o segundo semestre de 2018, conforme cronograma em anexo.

A primeira aula programada reservamos para a apresentação do projeto e encaminhamento da primeira atividade, a leitura da obra “*Capitães da Areia*” de Jorge Amado.

Em nossa prática diária costumamos fazer uso dos recursos tecnológicos disponíveis sempre que possível. Como não dispúnhamos de exemplares suficiente da obra de Jorge Amado para todos os alunos, solicitamos e orientamos aos mesmos a instalação de leitor de livros para celular, no caso o aplicativo *e-books*, e disponibilizamos o livro via *wattsapp* do grupo com integrantes da turma, criado justamente para estas finalidades.

Quando solicitamos a leitura da obra *Capitães da Areia*, informamos aos alunos que ao término do prazo (15 dias) para esta atividade, faríamos uma atividade diferente. Uma espécie de *game* com vistas a verificar se os alunos fizeram a leitura do livro, fundamental para o desenvolvimento das atividades seguintes. A *gamificação*¹⁷ é uma aposta da educação neste século. Consiste em utilizar recursos de jogos em outros contextos, como na educação, por exemplo, com o intuito de engajar pessoas, no nosso caso os alunos, para atingir um objetivo. No caso da educação, a *gamificação* tem um potencial imenso, uma vez que ajuda a despertar o interesse, incentiva a participação, desenvolve a criatividade e a autonomia.

Um dos males que afeta atualmente a educação, é o desinteresse dos estudantes e este, a principal causa da evasão escolar, principalmente no Ensino

¹⁷ Para um maior aprofundamento acerca do tema indicamos o livro “*Brinco, logo aprendo: Educação, videogames e moralidades pós-modernas*”, de Gilson Schwartz, editado pela Ed. Paulus, em 2014.

Médio, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas com dados da Pnad¹⁸, sendo a resposta de 40,3% dos jovens entrevistados que abandonaram a escola. Sabe-se muito bem que a tecnologia é a linguagem familiar para essa geração de modo que a lógica dos *games* é facilmente compreendida por eles. Sendo assim, já que nossos alunos estão nesse universo, buscamos aproveitá-lo para fins pedagógicos sempre que possível.

Nesta ocasião utilizamos a plataforma *Kahoot* para criar nosso próprio *quizz* sobre o livro de Jorge Amado. Trata-se de uma ferramenta gratuita e funciona em qualquer dispositivo conectado à internet. O *quizz* é o tipo mais comum de *kahoot*. Cada professor pode criar seu próprio *quizz/kahoot* relacionado com seu conteúdo e com número ilimitado de questões.

É possível elaborar quatro tipos de questões: em forma de questionário, dando aos jogadores várias alternativas de resposta para escolher, no formato de verdadeiro ou falso deixando os jogadores decidirem se a afirmação é verdadeira ou falsa, de forma aberta ou dissertativa onde os jogadores podem digitar a resposta correta e ainda na forma de enigma onde os jogadores podem colocar as respostas na ordem que entenderem ser a correta. Cada questão pode ter uma imagem ou vídeo associado e entre duas a quatro respostas. Quando se elabora a questão, deve-se estabelecer uma resposta correta e o prazo para que os participantes respondam através de seus dispositivos móveis ou não, que deve ser entre cinco segundos a dois minutos.

Kahoot pode ser usado de diversas maneiras como por exemplo, para fazer uma votação e reunir opiniões dos jogadores sobre questões éticas de forma anônima. Nosso objetivo com *kahoot* foi investigar/avaliar de forma divertida, interativa e envolvente, ou seja, diferente das avaliações cotidianas, como foi o encontro de nossos alunos com os capitães da areia. Já fizemos uso desse recurso outras vezes portanto, ainda que se configure juízo de valor, podemos afirmar que o *quizz/kahoot* é uma ótima maneira de envolver uma sala de aula e com muita concentração, o que é difícil numa aula expositiva/dialogada. Trata-se de uma ferramenta prática e acessível para que o professor possa acompanhar o processo de ensino

¹⁸ https://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/finais/Etapa3-Pesq_MotivacoesEscolares_sumario_principal_anexo-Andre_FIM.pdf

aprendizagem. É um recurso a mais que pode ser utilizado para avaliar formativamente o conhecimento de nossos estudantes.

Na terceira aula do cronograma fizemos uma sondagem, uma espécie de investigação informal para desvendar quais temas mais chamaram a atenção dos alunos quando da leitura da obra *Capitães da Areia* e para nossa surpresa, a felicidade foi apontada por quase todos. Esperávamos que o conceito felicidade fosse apontado como uma questão a ser pensada mas, não esperávamos que fosse quase unanimidade entre os alunos. Perguntados sobre o porquê deste tema, tivemos respostas que nos fizeram perceber que o caminho para a descoberta da alteridade já começara a ser trilhado pelos estudantes.

Uma das alunas comentou que no início da leitura não viu com “bons olhos” as atitudes daqueles meninos mas, quando chegou a ler o capítulo “As Luzes do Carrossel” percebeu que se tratava apenas de crianças e jovens que agiam mal para sobreviver. Outro aluno acrescentou que os capitães da areia viviam daquela maneira porque suas vidas eram desprovidas de magia, de sonhos, de alegria, de felicidade. Que se pudessem ser crianças, ter onde morar, o que comer, brincar, estudar, a vida deles seria bem diferente.

Concluímos, através da fala dos dois alunos acima descritas de modo indireto, que eles relacionaram a brincadeira no carrossel como uma pausa na vida arriscada e marginal dos personagens da obra de Jorge Amado, como um momento de alegria, de felicidade. Então levantamos algumas questões como: O que é felicidade? O que é ser feliz? Somos felizes ou estamos felizes? Ao final desta aula foi solicitado aos alunos que trouxessem para a próxima aula imagens (recorte de jornal, revista) que representassem o que é felicidade para cada um deles.

Na quarta aula confeccionamos o painel dentro da sala de aula. Como o número de alunos era de vinte e três apenas, seria interessante que todos participassem para que tivéssemos uma quantidade suficiente de imagens para compor o painel, sendo assim, os que não haviam trazido nenhuma imagem, receberam uma caixa com livros e revistas para recorte para que cada um encontrasse e recortasse pelo menos uma imagem. O nosso objetivo ao compor o painel era introduzir a discussão acerca da construção dos conceitos como representação, iniciando o processo de desconstrução da ideia de que as palavras correspondem as próprias coisas, mediante aula expositiva-dialogada, fundamentada no pensamento filosófico

nietzschiano, tendo como referência, fragmentos da obra “*Sobre Verdade e Mentira no sentido extra moral*” (Anexo E).

Na quinta aula traçamos o plano de imanência. Para esta atividade bem como para o processo de criação, escolhemos trabalhar com crônicas. Por que crônica? De todos os gêneros literários, a crônica nos pareceu ser o mais coerente com nossa proposta didática, ou seja, é “pop” no sentido de que se vale de uma linguagem lúdica, simples e comunicativa para tratar dos pequenos grandes eventos com que se defronta.

A crônica enquanto texto narrativo descritivo, tem uma capacidade muito grande para criar imagens de pensamento, o que acreditamos ser útil na segunda etapa da aplicação do projeto, traçar o plano de imanência. Pensamos que é a melhor forma de criar uma imagem de pensamento acerca dos assuntos apontados pelos alunos por ocasião do encontro (primeira etapa - intercessor) com os “capitães da areia” de Jorge Amado. Sendo assim, incluímos em nossa atuação um fazer criativo e artistamos nossa própria crônica (Anexo C) para utilizá-la como material didático.

A estratégia de fazer a leitura do texto para os alunos, além de traçar o plano, tem como objetivo, preparar o terreno para o próximo passo, inventar personagens conceituais. Ao assumir a voz dos personagens, o professor instaura um jogo que faz dele um outro, uma alteridade. Nessa interação comunicativa, o professor dá voz ao texto e os alunos ao escutá-lo, enxergam-no. Esse jogo entre imaginação e fingimento é fundamental para a invenção dos personagens conceituais.

Terreno preparado, ou seja plano de imanência traçado, é hora de inventar os personagens conceituais. Através de uma atividade lúdica, uma espécie de brincadeira com duas fases, cada uma com apenas uma regra, os alunos foram convidados a fazer deles mesmos um outro. Elaboramos perguntas (Anexo F) relacionadas a vida dos alunos e aos temas apontados por eles a partir da leitura da obra de Jorge Amado, que foram apresentadas a eles em sala de aula, as quais deveriam ser respondidas e entregues por escrito ao final da aula.

Na primeira fase do jogo, a regra é não mentir, na segunda é proibido falar a verdade. O objetivo foi estimular a imaginação dos alunos para fingirem ser outra pessoa e ao fingir ser outro sujeito, os alunos poderiam perceber que tem capacidade para inventar seus próprios personagens motivando-os para a terceira etapa, a escritura (criar conceitos) tirando partido de sua própria vivência.

A próxima atividade conforme previsto no cronograma, foi de estudo em grupo. Apresentamos aos estudantes uma lista com vários nomes de filósofos que se dedicaram a pensar sobre a questão da felicidade bem como referências bibliográficas. Disponibilizamos alguns materiais impressos que dispúnhamos como a obra *“Felicidade: Dos pré-socráticos aos contemporâneos”* de Franklin Leopoldo e Silva, que expõe as mais significativas teorias éticas sobre a felicidade em diferentes épocas e lugares, dentre outros textos ou fragmentos de textos impressos.

Seguimos a lógica da obra de Franklin Leopoldo e Silva que divide-se em quatro capítulos que abordam os quatro grandes períodos da história. Cada grupo recebeu um capítulo e, portanto, um período histórico, para estudo e posteriormente exposição das conclusões aos demais colegas. Cada grupo teve dez minutos para expor as ideias fundamentais de pelo menos dois filósofos que abordaram o tema da felicidade na Antiguidade, durante o Cristianismo (Idade Média), nos tempos modernos e na época contemporânea. Respectivamente os filósofos abordados foram Aristóteles e Epicuro, Santo Agostinho, Kant, Nietzsche e Freud

Foi necessário reforçar algumas teorias que julgamos terem ficado um pouco vagas na exposição dos alunos. Aproveitamos também, para levar até eles outras referências bem como pequenos fragmentos das obras dos filósofos acima referidos, com o intuito de subsidiá-los com material para a próxima etapa, a criação. Antes de dar início a esta que é, ao nosso ver, a etapa mais importante do nosso trabalho, conversamos com a professora de Língua Portuguesa da turma para nos certificarmos de que os alunos estariam preparados para produzir crônicas. Diante da confirmação de que os alunos já haviam estudado sobre o gênero textual em questão, demos início ao processo de criação.

Chegado o momento decisivo. Duas aulas seriam o suficiente. Não para todos! Escrever demanda tempo, esforço, suspensões, retomadas. Deleuze estaria certo! Ninguém se torna filósofo da noite para o dia, pelo contrário, para se desenvolver um certo estilo, um bom gosto filosófico, são necessário anos de dedicação. Até que cada aluno ‘vestiu’ o seu personagem, desenvolveu seu próprio estilo a ponto de pintar o retrato dos filósofos estudados assinando-os com seu próprio sangue, foi necessário tempo fora de sala de aula.

Orientamos os alunos a escrever em casa e, na sala de aula, aproveitamos para auxiliá-los individualmente quanto a leitura das teorias filosóficas. Para Deleuze,

o personagem conceitual se configura pelo filósofo e o modo como este lê outros filósofos, ou seja, é o filósofo lendo como personagem, justamente o que esperávamos de nossos alunos. Daí a importância de utilizar as próximas aulas, décima segunda e décima terceira, para auxiliá-los nesta leitura, de modo que cada um pudesse tecer sua teia (crônica) jogando com as palavras.

Finalizamos os trabalhos na décima quarta e décima quinta aula confeccionando um jornal escolar para publicar a melhor crônica (escolhida pelo corpo docente do colégio). Para esta atividade utilizamos o *Publisher 2013*, programa do *Windows*, específico para a confecção de folhetins.

2.3 – Ponderações acerca dos resultados

Tendo em vista que a primeira aplicação se deu durante a fase de elaboração e amadurecimento do projeto, tivemos o cuidado em avaliar o processo como um todo para fazermos as adequações necessárias visando alcançar um resultado mais satisfatório ao final da segunda etapa de aplicação. Ainda que a base filosófica não sejam as mesmas, o aprendizado que tivemos com os erros e acertos foi muito importante na construção da segunda proposta de intervenção.

Uma das conclusões a que chegamos após desenvolver o projeto com os estudantes do Colégio Estadual do Campo Professor Eugênio de Almeida é que precisávamos reduzir o número de atividades para que o tempo de desenvolvimento do projeto não fosse tão longo e pudéssemos desenvolve-las de modo adequado. A sugestão de exclusão de algumas atividades leva em conta a importância que atribuímos a cada uma delas tendo em vista o nosso objetivo final.

Sendo assim, salientamos que trabalhar com o livro *Capitães da Areia* de Jorge Amado é uma opção que pode ser suprimida, visto que um texto mais curto e objetivo sobre o assunto, pode levar ao mesmo propósito, promover encontros. Escolhemos este livro tendo em mente o tema da alteridade mas, principalmente o conceito de intercessor deleuziano. Contudo, de acordo com a definição do próprio Deleuze, intercessor é aquilo que nos põe a pensar, ou seja, o que nos sensibiliza. No caso do nosso projeto, percebemos que outras atividades já estariam cumprindo esse papel, como por exemplo a crônica, trabalhada em sala com o intuito de traçar o plano de imanência.

Em razão de se ter deixado de lado a leitura do livro, o jogo *Kahoot it* que está diretamente relacionado àquele, deixa de ter significância. Apesar de considerarmos uma ferramenta de trabalho muito interessante, a introdução do jogo no cronograma de aplicação tinha como objetivo incentivar a leitura e aferir o grau de apropriação da obra sugerida, de forma lúdica, de modo que sua presença ou ausência não interferiu significativamente no processo de criação, no nosso entendimento.

A construção de painel com imagens que tinha como objetivo “representar”, no imaginário dos estudantes, o conceito a ser trabalhado, também não nos pareceu extremamente relevante. Apesar de avaliarmos positivamente a atividade, ponderamos que, em se tratando de estudantes do segundo ano do ensino médio, estes já possuem capacidade de abstração necessária para entender as teorias, sendo assim entendemos que esta atividade também poderia ser suprimida sem prejuízos ao desenvolvimento do trabalho.

A aula expositiva-dialogada que visava questionar as verdades pré-estabelecidas aconteceu antes do trabalho de investigação dos filósofos que teorizaram sobre o tema. Com base na experiência adquirida na segunda etapa da aplicação, entendemos que o processo de investigação deveria ter sido realizado antes. Ao avaliar os resultados, chegamos à conclusão de que não houve “desconstrução”, quando muito suspendeu-se as crenças baseadas no senso comum acerca do que acreditavam ser a felicidade pois, as respostas dadas pelos filósofos ao longo da história da filosofia, os estudantes só foram conhecer no momento seguinte.

No entanto, ainda que o número de atividades programadas tenha sido um pouco exagerado, o tempo tenha sido insuficiente para o desenvolvimento de algumas delas e, apesar do cronograma ter ficado extenso e um tanto cansativo, podemos dizer que colhemos frutos. O resultado alcançado poderia ser melhor? Certamente que sim! Mas, para que isso acontecesse, teríamos que romper algumas barreiras e o nosso objetivo era um só: proporcionar aos estudantes o encontro com a alteridade do pensamento. A qualidade desse encontro, ou seja, criar conceitos interessantes, notáveis e importantes, dependeria da ausência dessas barreiras.

A primeira barreira que já conhecíamos bem é que os alunos tem muita dificuldade para interpretar e compreender o que leem. Essa dificuldade se acentua ainda mais quando se trata de textos filosóficos. A segunda barreira é a escrita. Nas

aulas de filosofia é impossível não escrever, porém, há impossibilidades (limitações) para se escrever filosoficamente (conceitos interessantes, notáveis e importantes) mas, ao mesmo tempo, não se pode escrever de outro modo.¹⁹ Durante todo o processo de criação, ouvíamos dos alunos ótimas ideias que pedíamos para colocarem por escrito no texto. Era perceptível o empenho e o interesse deles em produzir algo próprio, no entanto, pensar, criar, escrever pareciam não estar sintonizados.

Para alcançar nosso objetivo, levar os estudantes ao encontro da alteridade, precisávamos retirar o pensamento de suas possibilidades abstratas e produzir sentidos, fazendo-os pensar. Daí nossa escolha por Deleuze. O filósofo francês faz uma aproximação entre filosofia e literatura sem que esta se torne apenas um instrumento para aquela, possibilitando maior eficácia na criação de conceitos. É uma espécie de aliança com escritores, personagens e situações literárias, cujo objetivo é forçar o ato de pensar que, segundo Deleuze não se engendra no próprio pensamento.

Nossa aliança estabelecida com os *Capitães da Areia* foi bastante interessante. A leitura da obra de Jorge Amado já é por ela mesma um encontro com a alteridade mas, a conversa que tivemos com os alunos sobre o livro, também foi produtiva. Conversamos sobre o contexto histórico da obra, sobre os problemas sociais que Jorge Amado aborda, a questão do preconceito, enfim, pode-se dizer que a partir da leitura os estudantes saíram da imobilidade e se puseram a pensar.

O tema que mobilizou a grande maioria, a felicidade humana, me pareceu ter despertado grande interesse, suscitando vários questionamentos e uma certa curiosidade em saber o que é felicidade. Essa condição foi fundamental para o desenvolvimento do projeto pois a participação sempre foi muito espontânea e com considerável dedicação em todas as atividades. Dos vinte e três alunos, somente três se mostraram indiferentes na maior parte do tempo.

Um dos momentos que me chamou muito a atenção foi a aula expositiva-dialogada sobre o conceito de verdade de Nietzsche, o qual relatei com as imagens dispostas no painel confeccionado em sala de aula e que, segundo os estudantes representavam a felicidade. No decorrer da aula fui observando que aos poucos, todo o entusiasmo (*phatos*) inicial foi desaparecendo. Parecia que estavam abandonados

¹⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 35

de si mesmos, mergulhados em um vazio de valores, cujo silêncio me levava a concluir que se tratava de uma negação das verdades recém projetadas que, se sabendo inalcançáveis deixavam de ser afirmadas.

Apesar da apreensão em relação a aula anterior, a quinta aula foi bastante profícua. Após a leitura da crônica “*Felicidade, uma promessa!*”, pude perceber um certo ânimo ressurgindo. Tenho a convicção de que os estudantes não conseguiam enxergar a filosofia como algo leve, criativa mas sim, exegética, reflexiva. Possivelmente a crônica lhes pareceu o oposto do que aprenderam a considerar como filosofia. Com esta atividade/recurso/encaminhamento, percebemos que a crônica, se mostrou capaz de criar uma imagem de pensamento, ou seja, traçar o plano de imanência segundo a filosofia deleuziana.

A animosidade dos estudantes melhorou consideravelmente durante o “*jogo da verdade e da mentira*”. Me pareceu que o fato de criar um personagem, um outro de si mesmo, representou uma liberação considerável para aqueles jovens retraídos, tímidos, inseguros. O fato de poderem escrever a partir de um personagem foi a garantia que precisavam para escrever sem culpa, sem medo, sem vergonha. Trata-se de Cervantes (alunos) que inventa(m) Alonso Quijana (personagens: velho, feminista, rebelde, patricinha) que narra a história de Dom Quixote (crônica).

Após o estudo dirigido dos textos escolhidos, que aconteceu dentro do esperado, a etapa final e crucial do trabalho, a criação. Segundo Deleuze, o estudante de filosofia pode e deve “escrever como um cachorro que faz seu buraco, um rato que faz sua toca” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 39). Ensinar a pensar/filosofar, neste sentido, é ensinar ao aluno como pode “arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 39). É permitir o nomadismo, a imigração, enfim, deixar o estudante ser um cigano na sua língua. Isso só é possível se incentivarmos nosso aluno a se arriscar, experimentar, ser criativo, como escreveu Deleuze, “roubar a criança do berço, dançar na corda bamba” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 40).

Até esse momento, podemos dizer que nossa proposta buscou exatamente isso. Procuramos traçar um caminho que liberasse nosso aluno de quaisquer formalidades, sempre os incentivando a experimentação, a criatividade. De acordo com a leitura deleuziana da filosofia de Nietzsche, acreditamos poder afirmar que os estudantes experimentaram o maquinar. Na produção deles é evidente a não

preocupação com o que o outro (filósofo) quis dizer, mas sim, aceitaram a provocação contida na fala/escrita dos filósofos estudados e maquinaram, produziram outras falas/escritas a partir daquela.

Os estudantes “roubaram a criança do berço”, ou seja, brincaram com as palavras, jogaram com as metáforas. Suas composições se caracterizam pela forma como usaram frases de um ou outro filósofo para dizer o que queriam dizer sem se importar que no contexto da teoria filosófica do autor, tal frase pudesse ou até mesmo significasse totalmente outra coisa.

Na crônica abaixo, podemos constatar concepções filosóficas de pelo menos três filósofos: Aristóteles, Epicuro e Nietzsche.

Torna-te feliz!

A felicidade é um problema individual e o prazer é a realização suprema da felicidade, de modo que cada um deve procurar por si tornar-se feliz.

Se a felicidade é individual, as fontes de felicidade são as mesmas para todas as pessoas? Provavelmente sim! E o que seria a felicidade para um pobre?

Pobre de espírito ou de bens materiais e necessários? Pobre de tudo, de comida, bebida, roupa, cultura, saúde, etc e tal. Mas, a pobreza também nos ensina!

A pobreza ensina a valorizar o que se carrega no coração. Nos tornamos compassivos quando sentimos a dor do outro, quando o ajudamos. Sendo útil para alguém também somos felizes.

A essência da felicidade é não ter medo. Ela é frágil e volátil pois, só é possível senti-la em certos momentos.

Na verdade, se pudéssemos vivenciá-la de forma ininterrupta, ela perderia o valor, uma vez que só percebemos que somos felizes por comparação. Depois de um esforço violento na caça e na guerra, o homem se entrega ao repouso tendo por felicidade, sua vida!

Certamente não é possível aferir que a crônica acima apresenta conceitos interessantes, notáveis e importantes. Contudo, este não era nosso objetivo. O que aspirávamos era promover o encontro com a alteridade do pensamento. Tendo escolhido como caminho, a filosofia criativa de Deleuze, estamos convictos de que alcançamos nosso propósito, uma vez que, não tendo compromisso com a exegese tampouco com a necessidade de aferir os resultados, pois a educação pela invenção não deve pôr em foco resultados, tudo passa a ser considerado como processo. Processo de criação, de experimentação, de encontros.

DERRIDA

“Ora, o dizer do acontecimento, o dizer do saber sobre o acontecimento, carece, de um certo modo a priori, desde sempre, da singularidade do acontecimento pelo simples fato de que ele [o dizer] vem depois [do acontecimento], e que ele perde a singularidade [do acontecimento] na generalidade [do sentido veiculado no dizer]”²⁰

²⁰ Derrida, citado por Duque-Estrada, 2014, p. 19.

CAPÍTULO 3 – DA LITERATURA PENSANTE À VOZ DA ALTERIDADE: Outro caminho possível para o encontro com a alteridade do pensamento

“Desinventar...
Dar ao pente funções de não pentear”²¹

Pensar uma didática do ensino de filosofia é tão desafiador quanto necessário. Desafiador porque, enquanto professores, nos deparamos, todos os dias em sala de aula, com toda sorte de possibilidades e limitações, tanto materiais quanto humanas. Necessário porque a recente suspensão da filosofia do currículo escolar coloca em pauta, novamente, a discussão sobre o papel da filosofia na formação dos jovens.

Entretanto, por acreditarmos que o ensino de filosofia pode, nos limites de sua competência, contribuir para com o desenvolvimento do espírito crítico, da capacidade de argumentação no debate de ideias, do gosto pelo consenso racional, da criatividade bem como da descoberta da alteridade, nos desafiamos a pensa-la como uma experiência democrática e ensinável.

Com o intuito de manter-se fiel ao compromisso filosófico que assumimos com a alteridade, neste segundo momento de desenvolvimento teórico e prático do trabalho, tomamos como referência o pensamento de Jacques Derrida. Ele que, no esforço da desconstrução, procurou desmascarar aqueles sentidos que foram forjados pela tradição metafísica e que servem para encobrir o ser, ficando conhecido como filósofo da diferença.

Inspiradas por Manoel de Barros em *O Livro das Ignorâncias* (2008, pg.11), nesta segunda etapa do trabalho, temos como ambição, dar a filosofia outra função que não a busca da verdade/conceito. Ao invés de usar conceitos pré-estabelecidos para pensar/filosofar, propomos fazer uso de “palavras que não tenham idioma” (2008, pg. 11), ou seja, pensar/criar sem a preocupação de estabelecer adequações entre o conceito e as coisas. Buscaremos dar à verdade e à mentira as mesmas condições. Nosso propósito, é levar o jovem ao encontro da alteridade do pensamento.

²¹ Manoel de Barros, *O Livro das Ignorâncias*, 2008, pg.11

3.1 - DERRIDA: A prática filosófica enquanto jogo de rastros

O filósofo franco-argelino Jacques Derrida atuou filosoficamente durante a segunda metade do século XX. Foi influenciado pelo estruturalismo de Lévi-Strauss e Lacan, bem como pela fenomenologia de Husserl e Heidegger, além da filosofia nietzschiana. Derrida desenvolveu um pensamento idiossincrático, com terminologias próprias e uma proposta de desconstrução. Até hoje, essa proposta tem grande influência, sobretudo, na crítica literária contemporânea. A repetição, a polissemia, a diferença e a disseminação são instrumentos do pensamento da desconstrução derridiano.

Crítico do logocentrismo, identificou a metafísica com o discurso, com a consciência que fala a si mesma e é o lugar da verdade. Sua estratégia da desconstrução visa dissolver a linguagem para que esta dê lugar ao que Derrida chama de *escritura*²², negligenciada desde sempre pela história da filosofia ocidental. Procurou tratar de temas que considerava marginais, à margem da tradição ou de uma forma fragmentada, procurando situar-se no limite do discurso, porém, o que servirá de alavancas para o desenvolvimento de seu pensamento em toda a sua trajetória, é o questionamento do sistema linguístico que subordina o papel da escrita à fala.

Em sua *Gramatologia*, Derrida afirma que a “fonetização da escrita – origem histórica e possibilidade estrutural tanto da filosofia como da ciência, condição da episteme – tende a dominar completamente a cultura” (DERRIDA, p. 4, 2008). Na tentativa de desconstruir o logocentrismo, Derrida centra-se na oposição entre fala e escrita, o que ele denomina de *fonologocentrismo*²³ do pensamento ocidental que, ao longo de toda a sua história, tomou a linguagem como sentido, fundamento para a realidade.

A este sentido/fundamento, Derrida dá o nome de “presença”. Devido a este desejo de estabelecer um fundamento para a realidade é que o teórico descreve toda a tradição filosófica como metafísica, mais precisamente uma metafísica da presença.

²² Apesar do termo francês *écriture* poder ser traduzido para o português de duas maneiras, é necessário compreender que, na obra derridiana, escrita designa o sentido corrente que se opõe à fala, já escritura se refere ao indecidível derridiano que não pode atuar nem se deixa compreender sob a égide desta oposição, ultrapassando-a e constituindo outro pensamento.

²³ Derrida utiliza o termo fonologocentrismo para se referir a fundação do pensamento ocidental que, segundo ele, se constituiu pela relação entre *phoné* e *logos*, dando origem ao pensamento hierarquizante, fundador das oposições metafísicas, baseadas numa suposta presença do sentido.

Contudo, para entendermos como a linguagem se torna fundamento da realidade no programa histórico-metafísico-tradicional, é necessário adentrar um pouco no âmbito do conceito de linguagem.

Toda linguagem é um sistema de signos, no caso da linguagem verbal, composta de fonemas e grafemas que são chamados de significantes. Segundo Paulo Cesar Duque-Estrada (2002, p. 15), para cada significado existe uma palavra que atua como significante. Se falada, “a palavra se constitui como a estrutura de significação imediatamente próxima da origem, ou seja, do significado, [sendo, portanto] o seu significante maior ou mais importante” (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 15). Logo, ao ser pronunciada, a palavra tem como função, expressar o significado. Quando o significante é fixado na forma escrita, atua como significante secundário – significante do significante, segundo Derrida.

Para o filósofo francês, a escritura será, segundo esta lógica de derivação intrínseca ao conceito de linguagem, uma estrutura derivada de segundo grau pelo fato de que se relaciona tão somente com o significante primeiro, a *phoné*, e nunca diretamente com o sentido ou significado. Segundo o próprio Derrida,

Todas as determinações metafísicas da verdade, e até mesmo a que nos recorda Heidegger para além da onto-teologia metafísica, são mais ou menos imediatamente inseparáveis da instância do logos ou de uma razão pensada na descendência do logos, em qualquer sentido que seja entendida: no sentido pré-socrático ou no sentido filosófico, no sentido do entendimento infinito de Deus ou no sentido antropológico, no sentido pré-hegeliano ou no sentido pós-hegeliano. Ora, dentro deste logos, nunca foi rompido o laime originário e essencial com a phoné. [...] Tal como foi mais ou menos implicitamente determinada, a essência da phoné estaria imediatamente próxima daquilo que, no pensamento como logos que o produz, que o recebe, que o diz, que o reúne. (DERRIDA, 2004, p.13)

Como a essência da linguagem é constituída pela unidade entre voz e sentido (*phoné* e *logos*), a escritura passa a ser tão somente a representação exterior, instituída de modo contingente e arbitrário, portanto, não orgânico à unidade entre voz e sentido.

Na epígrafe da sua *Gramatologia*, Derrida (2008, p. 4) afirma que, ao longo de toda a história da metafísica, foi atribuído ao logos a origem da verdade. Nas palavras do próprio filósofo, “a história da verdade, da verdade da verdade, foi sempre [...] o

rebaixamento da escrita e seu recalcamento fora da fala plena". (DERRIDA, 2008, p. 4). Segundo Paulo Cesar Duque-Estrada,

[...] esse rebaixamento da escritura e sua consequente subordinação como simples representação fonética exterior à voz e ao sentido constitui para Derrida, a característica fonologocêntrica da metafísica (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 16)

Na tentativa de combater o logocentrismo, Derrida centra-se na oposição fala/escrita. Sua "estratégia geral da desconstrução" busca pensar as oposições binárias na condição de paridade, horizontalmente, e não por meio de escalas hierárquicas. O pensamento da desconstrução é constituído por dois momentos: a inversão e o deslocamento. Segundo Derrida, diante da hierarquia intrínseca a todo e qualquer conceito dicotômico, onde um se impõe sobre o outro, cabe à estratégia desconstrucionista reivindicar os direitos de quem sofre a imposição.

A reivindicação acerca da desconstrução da oposição se dá mediante a inversão. Como diz o próprio Derrida, citado por Duque-Estrada em *Derrida e a Escritura* (2002, p. 12):

Insisto muito e incessantemente na necessidade desta fase de inversão que talvez se tenha procurado desacreditar apressadamente. Fazer justiça a esta necessidade é reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma existência pacífica de um vis-à-vis, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda o outro (axiologicamente, logicamente, etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição é, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia. Descuidar-se dessa fase de inversão é esquecer a estrutura conflitiva e subordinante da oposição.

(DERRIDA, 2001, p. 51, apud DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 12)

Toda inversão implica em deslocamento. Inverter um termo dentro de um sistema significa muda-lo de lugar e, ao muda-lo de lugar, este se inscreve num novo sistema, ou seja, a inversão provoca um deslocamento da estrutura inscrevendo um novo campo de significação, segundo outros critérios, logo, não se trata mais do mesmo termo. Entretanto, segundo Derrida, só inverter os termos "é ainda operar no terreno e no interior do sistema desconstruído. É preciso [...] marcar a distância entre a inversão que coloca na posição inferior aquilo que estava na posição superior" (DERRIDA, 2001, p. 51, apud DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 12), assim sendo, tem-se

a irrupção de um novo conceito, conceito este que não se deixa mais compreender no regime anterior.

A cada deslocamento, instaura-se um novo regime, porém, neste novo regime, os conceitos não adquirem uma nova identidade, como se estas pudessem se multiplicar infinitamente. Não é a ideia de polissemia²⁴ dos conceitos que interessa à desconstrução, mas sim, a disseminação²⁵ que interessa a Derrida, visto que esta escapa à possibilidade de estudo do significado das palavras bem como a relação dos signos com aquilo que eles significam, pelo contrário, “a força e a forma de sua ação perturbadora fazem expandir o horizonte semântico” (DERRIDA, 2001, p. 51, apud DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 13)

No registro do discurso que se desconstrói, a escritura deixa de se apresentar como um conceito propriamente dito e passa a se apresentar como um “quase-conceito”, um *indecidível*. Este habita as oposições conceituais mas, não se deixa compreender por elas, tampouco constitui dialeticamente um terceiro termo, pelo contrário, entretecem a escrita derridiana sublinhando o duplo valor bem como a contradição de todo o signo. Nas palavras de Derrida, os indecidíveis são

[...] unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na, mas sem nunca constituírem um terceiro termo, sem nunca dar lugar a uma solução na forma da dialética especulativa. (DERRIDA, 2001, apud DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 13)

Deste modo, o conceito dominante, quando re-situado, deixa de sê-lo porque passa a habitar um novo campo, o da diferença. Em sua nova morada, passa a operar enquanto efeito de conceito em uma cadeia infinita de remetimentos. A proposta de Derrida para levar a escritura para além da extensão da linguagem, se dá dentro da

²⁴ Segundo Duque-Estrada, “a polissemia comporta a ideia de uma saída de si – na proliferação de níveis semânticos – de um retorno a si – em direção à plenitude da palavra integral -, numa espécie de movimento repreenchedor da linguagem e, portanto, numa dialética regulada pelo horizonte do mesmo. (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 14)

²⁵ Na disseminação, ao contrário, o que se dissemina, cada momento da disseminação, não se encontra jamais como um momento intermediário, uma variação que, ao se afastar da matriz, prepara o seu caminho de volta. A “lógica” da disseminação introduz algo inteiramente distinto: ela não somente rompe com o caminho de volta, mas com a própria ideia de matriz, introduzindo a diferença no interior do mesmo. (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 14)

própria metafísica, uma vez que ele mesmo está ciente de que é impossível sair dela, pois, conforme o próprio filósofo,

[...] mesmo nas agressões ou transgressões, nós utilizamo-nos de um código ao qual a metafísica está irredutivelmente ligada, de tal sorte que todo gesto transgressivo volta a nos encerrar no interior da metafísica – precisamente por ela nos servir de apoio (DERRIDA, 2001, p. 13)

Entretanto, é possível pensar diferentemente dela. Mas como seria esse pensar diferente? Seria não pensar mais na obediência da presença do ser. Na interpretação de Haddock-Lobo (2007, p. 70), a transgressão a que Derrida se refere, é o próprio movimento da desconstrução, que só acontece no interior do que está sendo desconstruído, no caso o pensamento/linguagem. Como não há possibilidade de se sair fora da linguagem, a transgressão se encerra num movimento dentro dos limites ou margens do pensamento/linguagem.

Entretanto, liberar a escritura da linguagem, não significa tirar da cartola, uma nova definição para ela mas, afirmar seus direitos positivando os traços que a caracterizam tradicionalmente, ou seja, reafirmá-la enquanto significante do significante, porém, reconhecer que sua condição agora é outra. Segundo o próprio Derrida, “não que a palavra “escritura” deixe de designar o significante do significante, mas aparece, sob uma luz estranha, que o “significante do significante” não mais define a reduplicação acidental e a secundariedade decaída” (DERRIDA, 2004, p.8).

Esta nova situação quer dizer que o significado foi abolido, ou melhor, todo significado passará a funcionar, a partir de então, como um significante. Tem-se agora, uma infinita ordem de remetimentos de significante a significante de modo que “não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas significantes que constitui a linguagem” (DERRIDA, 2004, p.8). Esse é o advento da escritura derridiana que apaga o limite de um significado primeiro e institui o “jogo”.

O que está posto com a abolição do significado, é a ideia de que não há um significado em si previamente existente, cuja linguagem falada ou escrita, só servisse para expressá-lo. Porém, o que se está questionando não é o sentido mas, a pretensão de que ele já estivesse presente antes mesmo da própria referência. Segundo Derrida (2004, p. 25), esta pretensão é a “condição da ideia mesma de

verdade". Para Duque-Estrada, essa crítica à concepção de *significados transcendentais*,

[...] não quer dizer que, para Derrida, não haja significado em nada do que lemos, ouvimos, escrevemos, ou dizemos, mas sim que é necessário pôr sob permanente vigília crítica a suposta presença de um sentido originário, auto-idêntico, intacto, homogêneo, pré-existente à sua condição de estar referido – e, portanto, de estar já contaminado – por uma palavra ou [...] por um significante falado ou escrito. (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 18)

3.2 - A escrita literária: caminho para o encontro com a alteridade do pensamento

Filosofia é coisa de cavalaria andante, ou seja, realmente ver monstros e gigantes onde curas e barbeiros só veem insignificantes moinhos de vento ou reles bacias, onde luzem gloriosos elmos...²⁶

Ao estudarmos a história da Filosofia, percebemos o quão ontológica e metafísica esta sempre foi. A começar por Aristóteles que, ao mesmo tempo que aponta para o *thauma*, como responsável pelo nascimento da Filosofia, nos presenteia justamente com aquilo que 'desespanta', a Metafísica – ciência ontológica que define o ser enquanto tal, cujo objetivo é ambientar os homens e não provocar espantos. Nos parece importante e necessário, enquanto professores, assumir uma posição quanto a tarefa da filosofia: Provocar o espanto, o tremor ou cessá-los?

Acreditamos que, para provocar o pensamento, é preciso espantar, fazer tremer. E, se o objetivo da filosofia é ensinar a pensar, é preciso filosofar de outra maneira, como cavaleiro andante, como invocador de fantasmas. É imperativo desapegar-se da pergunta O que é?, do anseio de exorcizar a filosofia. Apesar da história da filosofia ter sido a história do abafamento do tremor, de lidar com a alteridade compreendendo-a, pensamos que esta não é a melhor maneira de lidar com a alteridade do pensamento, porque aprisiona, neutraliza, cala a voz da alteridade. Mas, qual é a melhor maneira? Tomando Nietzsche, Deleuze e Derrida como referência, nos atrevemos a afirmar que a melhor maneira é por meio da arte, mais precisamente da literatura.

²⁶ FOGEL, Gilvan. **Que é Filosofia:** Filosofia como exercício de finitude. São Paulo: Ideias&Letras, 2009, p. 33.

A partir de Nietzsche, a filosofia que, durante quase toda a sua história, teria sido a busca pelo conceito, passa a ter como elemento constitutivo também, a metáfora. Apesar da filosofia ter, desde sempre, o impulso a verdade, de ser definida por muitos, inclusive por Nietzsche, como amor à verdade, é a metáfora metafísica, segundo Derrida, que desde sempre forneceu todo o sentido da filosofia, sempre governou o pensamento, ainda que não se assumindo como metáfora e chamando-se verdade.

E Derrida, segundo Haddock-Lobo, certamente segue Nietzsche pelo fato de aceitar que “o discurso filosófico, em sua seriedade aparente, não seria mais do que metáforas esquecidas ou gastas, uma fábula especialmente cinzenta e triste e mistificada por se propor como a verdade verdadeira” (BENNINGTON; DERRIDA, 1996, apud. HADDOCK-LOBO, 2011, p. 129)

É com a intenção de fazer justiça a esse pensamento que, talvez mais do que qualquer outro, soube pensar o *jogo do mundo*, que o filósofo franco-argelino propõe filosofar (escrever) no deslimite da palavra. Derrida certamente se inspira em Nietzsche para pensar contaminado pela escritura aforística. Ao indicar que os conceitos e as oposições filosóficas são nomeadas por um processo metafórico, o filósofo assume a radicalidade nietzschiana em sua escrita, uma escrita errante, ausente de *telos*, mas, ‘com animalidade da letra’, com tremor, com saltos e perigos. Só assim que Derrida entendia ser possível fugir da continuidade, da neutralidade, da lógica do mesmo. Ao assumir-se metafórico, o pensamento tende a ser mais justo e original que a conceitualização.

3.3 – Literatura: “a coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante que o mundo”²⁷

A afirmação de Derrida de que a literatura “é a coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante do que o mundo” (DERRIDA, 2018, p.70) me deixou inquieta, aguçou ainda mais a minha curiosidade acerca dessa ‘estranha instituição chamada literatura’. A afirmação de Derrida me pareceu ser tão interessante quanto

²⁷ Esta frase é uma afirmação de Derrida em *Essa Estranha Instituição chamada Literatura* que adotamos como subtítulo a exemplo de Elizabeth Muylaert Duque-Estrada que toma-a como título e tema de seu artigo que encontra-se publicado na Revista Confraria do vento, nº 11, nov/dez, 2016.

o que ela afirma ser interessante, de modo que, a primeira pergunta que me veio à mente foi: Por que a literatura é tão interessante para Derrida?

Entretanto, talvez devêssemos começar por algumas questões de princípio como: O que é Literatura? Qual é a sua essência? Sua função? Como opera o texto literário? Existe uma relação entre Filosofia e Literatura? Se existe, qual? Por se tratar de questões fundamentais neste trabalho, precisam ser pensadas e, ainda que de modo parcial e duvidoso, resolvidas. No entanto, já está bem claro para nós que a pergunta “o que é?” remete à procura de uma essência, de um fundamento, tudo o que Derrida se propõe a colocar em xeque.

Sendo assim, nossa investigação acerca dessa “estranha instituição chamada literatura” se dará nas entrelinhas do talvez derridiano, de modo que, vamos começar a discorrer sobre a questão da literatura tendo como fonte a própria entrevista concedida por Jacques Derrida a Derek Attridge, traduzida para o português com o título *Essa Estranha Instituição chamada Literatura*, com o intuito de encontrar respostas às nossas questões sem a autoridade da tradição metafísica.

A já referida entrevista, se inicia com a indagação de Attridge acerca de seu interesse primário pela literatura em vez da filosofia, ao passo que Derrida não se posiciona de um lado ou de outro mas, parece ficar entre ao apontar para o fato de que, na época de sua adolescência, filosofia e literatura se entrecruzavam dando a entender que teria sido marcado tanto pelos discursos da filosofia quanto da literatura. Devido ao fato de ter demonstrado esse duplo interesse desde sempre, algumas vezes é identificado como filósofo, outras como escritor e até mesmo como pensador. Numa tentativa de ser o mais fiel possível a escrita derridiana que, ora trata questões filosóficas relacionando-as com a literatura, ora aborda problemas oriundos do campo da literatura numa dimensão filosófica, contaminando a filosofia com a literatura e vice-versa, nos termos do próprio Derrida, especialmente neste capítulo, ousaremos chama-lo de literósofo, ao invés de optar por uma das três identificações acima.

Enquanto hesitava entre filosofia e literatura, Derrida (2018, p.48) foi tendo contato e se interessando por “textos que não eram simplesmente literários, tampouco filosóficos” como os de Nietzsche que, além de “falar em primeira pessoa, multiplica nomes próprios, máscaras e assinaturas”, dando a entender que era a filosofia de Nietzsche que mais o seduzia, bem como outros autores que também figuravam na sua lista de paixões juvenis, dado o seu interesse pela ficcionalidade e, por sua vez,

pela literatura. Contudo, Derrida deixa bem claro que seu interesse pela ficção não se resume a ler romances, contar ou inventar histórias, pelo contrário, afirma não ter tido grande prazer com esse tipo de experiência.

Segundo Evandro Nascimento, “a literatura é sem dúvida, uma forma particular, histórica e localizada do que Derrida nomeou como escritura geral ou arquiescritura, a qual não se reduz nem à escrita fonética, nem muito menos à fala” (NASCIMENTO, 2014, p. 16). Por meio de um movimento lento e de uma necessidade que mal se deixavam perceber, a escritura foi deixando de ser mero instrumento de comunicação, relação, expressão, significação, constituição de sentido ou pensamento, ou seja, vai deixando de designar tão somente o significante do significante e começa a ultrapassar a extensão da linguagem.

Para Derrida, o advento da escritura é o advento do jogo, da literatura, uma forma de comunicação em que os significados não escapam mais ao jogo das remessas significantes que constitui a linguagem. Não há mais uma oposição simples entre significante e significado pois esta diferenciação está inscrita, de forma profunda e implícita, no amplo período que abrange a história da metafísica.

Apesar da literatura, em sua forma histórica e recente, se dar por meio da escrita fonética, o jogo instituído, que é seu modo operatório, abala as oposições metafísicas. Para Nascimento, “dizer tudo é o índice dessa estranha instituição chamada literatura, que Derrida distingue de diversas produções discursivas anteriores ao século XVIII, como a epopeia, a retórica, a tragédia e as belas-arts” (2014, p. 21).

A literatura, na perspectiva derridiana, promove um deslocamento da pergunta “o que é?”. O jogo da escrita literária que apresenta o “talvez” como resposta, não se reduz a qualquer ontologia. Talvez S seja P, mas também pode ser que seja Q, R, T, U ou V. Esse seu modo operatório abala as oposições ditas metafísicas pois o poder de dizer que S pode ser P mas também Q, R, T, U ou V é uma forma de inscrição discursiva diferencial que imprime traços e deixa rastros, põe a pensar.

Desde que emergiu em sua forma moderna há pelo menos dois séculos atrás, a literatura exerceu vários papéis, dentre eles o pedagógico, informativo, estético, ético e político, etc. Segundo Evandro Nascimento, “por nunca ter havido uma única função para essa estranha instituição que se chama de literatura, ela comparece na obra de Derrida sob o signo de alteridade” (DERRIDA, 2018, p. 17).

Apesar das tentativas, por parte das poéticas e estéticas de racionalizar e formalizar as criações literárias, Derrida aponta para o fato de que a poesia não está na origem do que se chamou de literatura, uma vez que este termo é uma invenção recente. Ainda, segundo o literósofo, “o conjunto de leis ou convenções que estabeleceu o que se chama de literatura na modernidade não era indispensável para que obras poéticas circulassem” (DERRIDA, 2014, p.57). A garantia sóciojurídico-política, ou seja, o princípio de poder dizer tudo, concedida à literatura, não tinha o mesmo sentido para as culturas não ocidentais como as greco-latinas.

Não que Derrida considerasse que a literatura moderna fosse totalmente desvinculada das produções que a precederam mas, porque o literósofo relaciona o advento da literatura com o advento da democracia moderna, onde há mais liberdade e infinitas possibilidades de relacionamento entre os indivíduos. O poder dizer tudo o que se deseja, exige uma liberação que põe em xeque a institucionalidade das demais instituições. Definida historicamente como uma instituição ocidental, com convenções e regras, segundo o próprio Derrida,

O espaço da literatura não é somente o de uma ficção instituída, mas também de uma instituição fictícia, a qual, em princípio, permite dizer tudo. Dizer tudo é, sem dúvida, reunir, por meio da tradução, todas as figuras umas nas outras, totalizar formalizando; mas dizer tudo é também transpor os interditos. É liberar-se em todos os campos nos quais a lei pode se impor como lei. A lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou suspender a lei. Desse modo ela permite pensar a essência da lei na experiência do “tudo por dizer”. É uma instituição que tende a extrapolar a própria instituição. (DERRIDA, 2014, p. 49)

A literatura é uma instituição estranha porque ao instituir-se destituiu, ou seja, as regras que delimitam de modo restritivo toda e qualquer instituição, são extrapoladas pelo dizer tudo do literário. Parafraseando Mário Quintana, “todos passarão, eu passarinho”. As demais instituições reguladas e limitadas, legal e juridicamente e a literatura sem limites instituídos porque suspensos pela própria instituição sem instituição.

O que Derrida chama de literatura é essa instituição fictícia em que “pressupõe que seja dada licença ao escritor para dizer tudo que queira ou tudo o que possa, permanecendo, ao mesmo tempo, protegido de toda a censura, seja religiosa ou política” (DERRIDA, 2018, p.52). É esse jogo da escrita que interessava a Derrida,

essa prática de ficção que, por não ter dívida com a razão nem com o cálculo, pode dizer o que quiser sobre o que quiser.

Essa liberdade de dizer qualquer coisa sobre tudo está, no nosso entendimento, relacionada ao *talvez* que une as duas frases do subtítulo deste. A literatura enquanto instituição, funda-se com toda a sua potência, na força do talvez porque estabiliza e desestabiliza ao mesmo tempo. Ameaça toda a experiência de familiaridade, afinal, as coisas são como são mas poderiam ser diferentes. Como poetou Manoel de Barros (2008, p. 25),

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.

A poesia de Manoel apresenta claramente como é a relação da literatura e do pensamento racional com o desconhecido. A poesia não o teme, pelo contrário, vai “nomeando o possível, respondendo ao impossível” (BLANCHOT apud HADDOK-LOBO, p. 98), ao contrário do pensamento racional que tenta ao máximo permanecer próximo ao familiar, oferecendo um conhecimento daquilo que lhe escapa, ou seja, conceituando. Não é um vidro mole nem cobra de vidro mas sim, uma enseada. O medo racional/filosófico de se contaminar pela alteridade, empobrece a imagem ao identificar as coisas.

Contudo, apesar do aceno para a literatura, Derrida aponta para a necessidade da filosofia. Essa necessidade, segundo ele, poderia estar relacionada a um possível pressentimento de que, na literatura, poderia haver certa inocência e irresponsabilidade ou até mesmo impotência. Apesar de considerar que “a liberdade de dizer tudo é uma arma política muito poderosa” (DERRIDA, 2014, p.53), demonstra preocupação para com o fato de que a literatura pode se deixar neutralizar pela ficção e o escritor ser considerado um irresponsável, no entanto, para o literósofo, o discurso literário potencialmente, é mais poderoso que outros discursos, até mesmo que o discurso histórico ou filosófico.

Segundo Elisabeth Muylaert (2014, p. 13), o direito de dizer o que quer que seja sobre o que quer que seja, é a assinatura da literatura moderna. Porém, apesar de

apontar o direito de poder dizer tudo como o princípio da literatura, Derrida não acredita ser possível identificar os textos literários de forma rigorosa, em partes, pelo fato de não acreditar numa possível essência da literatura. Para ele, “não há nenhum texto que seja literário em si. A literalidade não é uma essência natural, uma propriedade intrínseca do texto” (DERRIDA, 2014, 64).

Na concepção de Derrida, os textos literários participam mas, não pertencem a um único gênero, uma vez que nenhum gênero tem regras definidas de uma vez por todas. Há, segundo Derrida, “um funcionamento e uma intencionalidade literários, uma experiência, em vez de uma essência da literatura” (DERRIDA, 2014, 64). Sendo assim, todo texto reconhecido como literário, só o é porque quem escreve, o faz segundo intenções e convenções que são mais ou menos conscientes esperando que o leitor as reconheça como tais de modo a legitimar a escrita como literária. Porém, essa legitimidade não é homogênea ou permanente. Apesar de que algumas convenções possam desfrutar de uma estabilidade mais duradoura, elas tendem a se transformar ao longo do tempo, muitas vezes sendo constatadas apenas de modo concreto nos textos.

3.4 – A crônica como literatura pensante: as vozes da alteridade

A crônica enquanto escrita literária, elabora um tipo de pensamento que extrapola o imenso território institucional da literatura bem como da filosofia. Trata-se de um texto que não é simplesmente literário nem filosófico e, no entanto, guarda a memória dos dois discursos bem como de suas respectivas instituições. Que tipo de pensamento é esse que não se encontra na literatura tampouco na filosofia?

Esse pensamento é fruto de um desejo que faz convergir literatura e filosofia na visão de Derrida. Trata-se do pensamento, da inscrição autobiográfica como reinvenção da vida. E, sendo a crônica um gênero altamente pessoal e íntima ante ao espetáculo da vida, uma vez que o cronista se mostra um nômade a transitar entre dois mundos, ou seja, pode falar de si, confessar, desabafar, relatar, fatos que realmente viveu bem como mentir, distorcer, falsificar, imaginar conforme já apontamos anteriormente, então, podemos pensar a crônica como um “gesto autobiográfico” (DERRIDA, 2018, p. 46).

Para o escritor e crítico literário Davi Arrigucci Jr, a crônica é

[...] uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada [...] trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido (ARRIGUCCI, 1987, p. 51)

Essa memória escrita como o que fica do vivido, na perspectiva de Derrida é o rastro. Diante dessa abertura de terreno, dessa nova lógica que se opõe a lógica do cálculo, da prestação de contas, do velar e desvelar que rege a filosofia, nós convidamos os alunos a filosofar de um modo especial, a jogar “o jogo da liberdade, o certo no incerto, seguro no inseguro, verdade no erro” (FOGEL, pg. 73). Como escreveu Manoel de Barros, “voar fora da asa” (2008, pg. 21).

Esse desprendimento em lançar-se no movimento inédito, inesperado, incerto, inseguro é o que garante a liberdade que gera afeto, interesse (pathos), fundamental para despertar a natureza criadora e mais, essa atitude de não orientar-se no pensamento, de não seguir a lógica do mesmo, de pensar por metáforas, se deixar contaminar pelos rastros das coisas mesmas que sempre vão escapar, é uma maneira excepcional de lidar com a alteridade do pensamento.

Conforme a estrutura do texto literário (escritura ou arquiescritura) derridiano, regido pela lógica da não presença, o que constitui uma espécie de ficcionalidade, a literatura se apresenta como o lugar da relação com a ausência, onde só pode haver invenção, cuja singularidade reside no fato de assumir a lógica do *talvez* e é na força do talvez que, segundo Derrida, a literatura se encontra em toda a sua potência.

A energia de uma instituição como a literatura que se funda na força do talvez, ou seja na licença poética de poder dizer tudo sobre qualquer coisa, desestabiliza qualquer apelo ontológico. Segundo Elisabeth Muylaert (2006, p.2), “sem o poder e a vontade de dizer a verdade, ela é o talvez do talvez de tudo o que há no mundo, e por isso talvez seja, como quer Derrida, a coisa mais interessante do mundo”

Outro traço do literário, que é a lei-mor da literatura é o “*como se*”. A literatura por não se achar devedora da razão nem do cálculo, assume seu poder de dizer o que quiser e puder sobre qualquer coisa, onde tudo acontece segundo a lógica do *como se*. Segundo Haddok-Lobo (2011, p.170), autores como Kafka, Clarice e Guimarães Rosa inventaram seus personagens e escreveram *como se* (K. estivesse sendo réu de um processo, Lóri não soubesse viver, Riobaldo pudesse relatar suas aventuras da época de jagunço).

Apesar de “o como se” ser a base de todo discurso, a filosofia tende a recalcar essa tendência à ficcionalidade em nome da adequação aos fatos, da exatidão, da verdade. Logo, uma escritura que se apresenta como um jogo, como errância, além de ser uma atividade produtora de rastros, é a própria alteridade.

CAPITULO 4 – UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

4.1- A experiência filosófica enquanto jogo de rastros

Seguindo os rastros de Derrida, almejamos executar uma proposta alternativa aos grandes sistemas de sentido que foram elaborados ao longo de toda história da filosofia. Nossa estratégia ousada, desafiadora e ariscada, visa retirar a credibilidade das grandes narrativas, incentivando o abandono das certezas que buscam identidades e calam as diferenças.

O primeiro passo foi escolher o tema a ser trabalhado e a seleção da turma para o desenvolvimento da experiência. Mais uma vez optamos por não fugir do conteúdo programático da disciplina que conta com duas aulas semanais de cinquenta minutos, sendo assim, decidimos escolher um dentre os vários temas que fazem parte da Proposta Pedagógica Curricular de Filosofia para o Ensino Médio do Estado do Paraná.

Quando da escolha do tema, levamos em consideração todo o referencial teórico de Derrida que já tínhamos conhecimento. Desta forma, alguns ‘conceitos’ como “indecidível” nos direcionaram novamente para os mesmos temas da primeira experiência, como a questão da liberdade humana, felicidade, amor, trabalhados ao longo do segundo ano do Ensino Médio.

Desta vez nos decidimos pelo tema Liberdade pelas seguintes razões: é um conteúdo que geralmente desperta muito interesse nos jovens provocando muitas discussões e a disponibilidade de uma vasta bibliografia sobre o tema. Em face do conteúdo escolhido, a turma selecionada para o desenvolvimento da experiência, que aconteceu ao longo do primeiro semestre de 2019, foi uma turma do segundo ano de Ensino Médio, do Colégio Estadual Duque de Caxias, localizado no centro da cidade de São Mateus do Sul – Paraná.

Optamos por essa escola por atender um público bastante heterogêneo. Na turma escolhida, tem estudantes que moram no centro, bairros e também no interior do município, portanto, os alunos em questão se encontram em condições sociais e com capital cultural relativamente diferente. Outro critério que levamos em consideração é o perfil da turma. Trata-se de uma turma com alguns alunos muito

participativos e interessados e outros muito tímidos, como muita resistência à comunicação e interação em sala de aula, possivelmente indiferentes à filosofia.

Tema e turma definidos, seguimos para o próximo passo, traçar um caminho possível de ser trilhado rumo a um modo de pensamento, a um estilo de filosofar cuja linguagem precisa ser contextual, heterogênea, mutável, plural, quase conceitual. Como executar tal proposta de filosofia? Não foi um exercício tranquilo. Sentimos dificuldade em relacionar a teoria filosófica derridiana com a prática e, principalmente, fundamentar tal relação a partir de um teórico de base.

Cogitamos várias possibilidades até chegarmos a uma proposta, nos limites de nossas potencialidades e limitações. A experiência adquirida durante a primeira intervenção foi fundamental para a organização desta sequência didática pois pudemos usufruir dos acertos, corrigir ou eliminar os erros, uma vez que utilizamos basicamente a mesma metodologia, ou seja, Deleuze passa, a partir de então a ser nosso teórico de base.

Deste modo, nossa proposta de uma filosofia da alteridade ou literosofia, à luz de Derrida também está organizada em cinco momentos: o encontro, a investigação, a desconstrução, a invenção do personagem e a criação. Ou seja, eliminamos o que consideramos excesso, invertemos algumas sequências didáticas e acrescentamos o que consideramos importante e necessário para alcançar nosso objetivo, o encontro com a alteridade de pensamento.

Poderia ser diferente? Sim! É só uma proposta, no caso, a nossa proposta. É uma singularidade em meio a uma multiplicidade de possibilidades. Estamos cientes de que qualquer tentativa de pedagogizar a filosofia de Derrida tanto quanto a filosofia de Deleuze, ou seja, de apresenta-las a partir de um modelo a ser seguido, significa estar contradizendo os próprios filósofos. Por esta razão, procuramos levar em conta essa filosofia que aponta para a invenção, capaz de desenvolver-se afirmativamente, sem sucumbir a modelos identitários pré-estabelecidos.

Para um bom desenvolvimento da metodologia definida, estabelecemos dez horas aula para a execução da proposta. De acordo com o tempo previsto, estabelecemos os procedimentos didáticos e nos dedicamos a definir os recursos metodológicos necessários ao desenvolvimento da experiência. Como já adiantamos anteriormente, apesar de recorrermos basicamente aos mesmos procedimentos da primeira experiência, substituindo, alterando ou eliminando algumas atividades, de

acordo com nossa avaliação dos resultados, os recursos escolhidos foram outros, muito embora em alguns casos pudessem ser os mesmos.

Portanto, os procedimentos e recursos adotados para os cinco momentos, o encontro, a investigação, a desconstrução, a invenção do personagem e a criação, respectivamente, foram: leitura da crônica intitulada “Liberdade” de Cecília Meireles (Anexo D), estudo em grupo de diversos textos filosóficos sobre o tema, aula expositiva dialogada a partir de fragmentos da obra “Sobre verdade e mentira no sentido extra moral” e do texto “Do Imaculado Conhecimento” (Anexo E), ambos de Nietzsche, atividade intitulada “Jogo da verdade e da mentira” (Anexo G) e, finalmente a criação (crônica). Quanto aos procedimentos metodológicos, estes se deram da forma e na sequência em que seguem descritos.

Para o encontro, ao invés do livro, muito embora pudesse ser, preferimos um texto mais breve e pontual, que não demandasse tanto tempo para a leitura, pelo fato de estarmos encaixando o cronograma do projeto de mestrado ao cronograma estabelecido no PTD elaborado para o período em questão. Encontramos na literatura brasileira, várias opções porém, além de breve e pontual, precisávamos de um texto que desse conta de criar uma imagem de pensamento e que colocasse nossos estudantes a pensar, que funcionasse como um intercessor promovendo encontros.

A autora escolhida foi Cecília Meireles. O que nos levou a optar por essa escritora e não outra(o)? Poderíamos citar várias razões, entretanto vamos apresentar de modo sucinto algumas delas. Cecília Benevides de Carvalho Meireles que estreou na literatura aos dezoito anos de idade, é considerada a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com cerca de cinquenta obras publicadas. Além de poetisa, jornalista e pintora, também foi professora.

Cecília não se ‘enquadra’ em um movimento literário específico. Com uma inclinação forte para a musicalidade, a poetisa cultivou uma poesia reflexiva abordando temas como a transitoriedade da vida, o tempo, o amor, o infinito e a natureza, sempre procurando questionar e compreender o mundo a partir das próprias experiências.

Dentre as quase duas mil e quinhentas crônicas que Cecília escreveu ao longo de sua vida, escolhemos “Liberdade”, publicada no livro *Escolha seu sonho*, em 1964, ano de sua morte. Como o próprio título já indica, a crônica trata de uma reflexão em torno da palavra liberdade. Nela Cecília descreve como é a relação do homem com

esse ‘significado/sentido’ que recebeu metafisicamente o significante ‘Liberdade’. Todos cantam, descrevem, sonham e desejam-na. É fonte de inspiração para a composição de poemas e hinos (e crônicas). Razão de viver, lutar e até mesmo de morrer.

Cecília cria uma imagem de pensamento sobre a liberdade fazendo uma descrição narrativa de crianças atirando pedras e soltando papagaios, o que muitas vezes resulta em vidraças quebradas ou até mesmo a morte quando a linha enrosca nos fios elétricos, ou então como os loucos que tentam fugir do incêndio atravessando em meio ao fogo e morrem queimados. A poetisa ainda afirma que, só partem em busca daquilo que pensam ser liberdade, as crianças e os loucos, ou então quem é sonhador, porque os outros (racionais/metafísicos) preferem nem pensar no assunto, muito menos se arriscar.

Cecília sempre teve um grande interesse pela educação apesar de sua carreira como professora ter sido curta, cerca de dois anos apenas, porém, como jornalista, Cecília publicou vários artigos sobre educação que, nas entrelinhas, revelam uma poetisa/jornalista crítica que sonhava com uma educação criativa, diferente dos padrões tradicionais ditados pelo então governo de Vargas.

Liberdade é um desses textos que convoca o leitor a pensar num aprendizado a partir da própria experiência, a não se conformar com respostas prontas, verdades impostas de modo autoritário. Cecília nos convida a ir mais além, soltando nossos papagaios, morrendo nos nossos incêndios, cantando hinos que falam de qualquer coisa que nada queiram dizer²⁸. Pensamos que essa crônica é um convite a entrar no jogo da diferença derridiano.

O próximo passo foi a elaboração de uma lista de nomes de filósofos que, ao longo da história da filosofia, teorizaram sobre o tema da liberdade. Nesta lista procuramos inserir tanto os clássicos como autores pouco conhecidos para que os estudantes pudessem ter contato com vários filósofos desde os gregos Sócrates, Platão e Aristóteles até o esloveno Slavoj Zizek. Também organizamos junto à esta, outra lista com referências bibliográficas tanto de livros quanto de sites para que os alunos pudessem pesquisar mais livremente conforme seu interesse. Ainda neste momento, selecionamos fragmentos do texto *Sobre verdade e mentira* dos quais

²⁸ Derrida J. Posições. p. 21

fizemos cópia juntamente com o texto Do Imaculado Conhecimento para ser entregue aos estudantes.

Finalmente, readaptamos o jogo intitulado “Jogo da verdade e da mentira”. Conforme já especificado anteriormente, trata-se de uma espécie de brincadeira com duas fases, cada uma com apenas uma regra, através da qual os alunos seriam convidados a fazer deles mesmos um outro. Na primeira fase do jogo, a regra é não mentir, na segunda é proibido falar a verdade.

Então, reelaboramos as perguntas (Anexo G) relacionando com a vida dos alunos e ao tema liberdade, as quais deveriam ser respondidas duas vezes, conforme a regra, e entregues por escrito ao final da aula. O objetivo foi estimular a imaginação dos alunos para inventarem seus próprios personagens motivando-os para a última etapa, a escritura, tirando partido de sua própria vivência.

Na última etapa do processo, o que desejávamos de nossos estudantes é uma escritura conforme a lógica derridiana do “jogo de rastros”, onde os conceitos não tem a necessidade de se apresentar como tal e passam a se apresentar como um *quase-conceito*, os *indecidíveis*.

Segundo a concepção de escrita/criação de Derrida, não há significados transcendentais, logo tudo é discurso, desta forma, o domínio e o jogo da significação se tornam infinitos. Com essa liberação da escritura, é possível remeter significante a significante, numa ordem infinita sem a preocupação de que estes significantes desocultem um significado primeiro.

Nesta perspectiva, nossos alunos, a partir de seus personagens, poderiam seguir os rastros de outros filósofos e, na lógica dos indecidíveis – que não podem ser conceitualizados – filosofar/pensar para além da clausura metafísica, escrevendo crônicas. Esta concepção de linguagem/escritura, nos permite pensar não o jogo dos signos/conceitos, que busca a adequação entre o pensar e o ser mesmo das coisas mas, o jogo de rastros, ou seja, nem isto nem aquilo, mas, entre. Entre a presença e a ausência.

Entendemos que a liberdade de pensar enquanto personagem e por meio de um operador textual desprovido de conceito, o rastro, garante a dinamicidade de se pensar pelas vias da diferença. Acreditamos que juntos, o personagem e o rastro, podem permitir que nosso aluno rastreie vestígios da alteridade, se relacionando com o passado e com o futuro, que não é passado nem futuro mas, passado e futuro,

presença e ausência ao mesmo tempo, por intermédio de uma relação com o que é outro. Seguir o rastro é descobrir alteridade, “pois a alteridade sempre emerge do para-além-do-ser, sempre passado e sempre futuro – nunca no presente, nunca presente” (HADDOCK-LOBO, 2002, p. 118).

4.2 - Descrição da intervenção didática

A primeira aula foi destinada para a apresentação do projeto, seus objetivos e cronograma de execução.

A partir da segunda aula, iniciamos as atividades com a leitura da crônica “Liberdade” de Cecília Meireles, de modo que não houve mistério acerca do conceito que seria abordado durante as aulas. O objetivo da atividade foi criar uma imagem de pensamento, motivar os estudantes a pensar sobre o tema liberdade. Aproveitamos o restante da aula para que os alunos pudessem colocar suas opiniões sobre o assunto. Apesar da aparente empolgação com o tema, constatamos que suas colocações eram notoriamente resultantes do senso comum e pautadas em suas crenças.

Na terceira aula retomamos a discussão iniciada na aula anterior. Tentamos evitar a pergunta “O que é liberdade?” levantando outros questionamentos como “A liberdade existe?”, “É possível ser livre?”, “De que forma se é livre?”. Notei um certo desespero da parte de vários alunos diante da ausência de uma resposta que representasse/correspondesse adequadamente a tal ‘sentimento’ como muitos apontaram. Ainda durante esta aula, apresentei-lhes uma lista com nomes de diversos filósofos que teorizaram sobre a liberdade ao longo da história da filosofia. Incentivei-os a conhecer e investigar alguns desses filósofos.

O livro didático de filosofia adotado pela escola²⁹, apresenta uma abordagem didática de alguns clássicos como os gregos Sócrates e Aristóteles, Santo Agostinho, Baruch Espinosa, Merleau Ponty e Sartre. Sendo assim, o processo de investigação teve como base, a princípio, o próprio livro didático e, na medida em que o interesse por um ou outro filósofo ia surgindo os alunos foram aprofundando suas investigações a partir da lista de referências bibliográficas disponibilizada à eles. Ao final da aula,

²⁹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando** – Introdução ao filosofar. São Paulo: Moderna, 2016.

orientei os alunos a pesquisarem outros filósofos que abordaram o tema para realizarmos na aula seguinte um seminário sobre liberdade.

No dia do seminário (quarta aula) organizamos as carteiras em círculo. A princípio, estabelecemos juntos um prazo de cinco minutos para cada estudante mas, percebi que, como de costume, vários não estavam dispostos a falar enquanto outros estavam ávidos por falar mais, rebater os colegas, se impor como alguém que encontrou a melhor resposta. Então, me coloquei apenas como mediadora no sentido de organizar a ordem de quem falaria de acordo com a sequência em que levantavam a mão para pedir a palavra.

Nem sempre esta organização foi respeitada, de modo que tive que intervir algumas vezes para pedir que esperassem sua vez de falar ou pelo menos esperassem que o colega concluísse sua fala. Muitos saíram da aula com uma resposta à questão. Alguns com a sua resposta, outros com a resposta daquele que lhe pareceu ser mais convincente. Poucos saíram com dúvidas ou sem resposta alguma.

Na quinta aula, que foi expositiva-dialogada, iniciamos o processo de desconstrução a partir do texto “Do Imaculado conhecimento” de *Assim falou Zaratustra*, e de fragmentos da obra *Sobre Verdade e Mentira*, ambos textos do filósofo Nietzsche. Iniciamos a aula fazendo a leitura do texto “Do Imaculado conhecimento”. Imediatamente após o fim da leitura, perguntei se haviam entendido alguma coisa do texto e, diante da resposta negativa, passei a tecer alguns comentários sobre o autor e seu pensamento.

Em seguida, anotei no quadro a palavra liberdade e, logo abaixo, a proposição de Nietzsche: “Um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! Segunda metáfora” (2008, pg. 31). Coloco aos alunos a questão: o que vocês entendem por metáfora? A grande maioria permaneceu em silêncio enquanto alguns poucos tentaram descrever o conceito que disseram já ter estudado em outra disciplina. Sendo assim, providenciamos um dicionário e lemos o significado do termo para a turma.

Dei um tempo aos estudantes para que lessem os fragmentos de “Sobre verdade e mentira no sentido extra moral” (Anexo E) que receberam. Então, começamos a dialogar a partir desses fragmentos, discutindo a ideia nietzscheana de que os conceitos como liberdade, por exemplo, não passam de metáforas. De que as

imagens que temos em nossa consciência são metáforas, a primeira metáfora, e que as palavras como liberdade, nada mais são que a reprodução da imagem em um som, a segunda metáfora.

Expliquei aos estudantes que, para o filósofo alemão, a verdade está relacionada à crença, ou seja, quando alguém acredita em algo, este algo passa a ser verdadeiro. Sendo assim, é a convicção do sujeito o estatuto da verdade, logo, a verdade/conhecimento não existe, ela é invenção dos homens, conforme o fragmento de “*Sobre verdade e mentira no sentido extra moral*” que leram.

Durante a exposição dialogada, ressaltei que, segundo Nietzsche, “acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de árvores, cores, neve e flores [e liberdade], mas, com isso, nada possuímos além de metáforas das coisas” (NIETZSCHE, 2008, p. 33). Não são as próprias coisas, logo não são a “pura verdade sem qualquer consequência” (NIETZSCHE, 2008, p. 31), sendo assim, podemos entender as palavras/conceitos como convenções que servem para designar a relação das coisas com os homens e para expressar essas mesmas coisas.

Continuamos pontuando que, segundo Nietzsche, as palavras se tornam conceitos na medida que passam a representar, ao mesmo tempo, várias situações, coisas que são apenas semelhantes, nunca iguais, sendo assim, os conceitos surgem por conta da igualação do que não é igual. A abstração das diferenças individuais, esquecendo-se do diferenciável, se constitui de modo arbitrário e, por se constituir de tal maneira, a representação das coisas mediante conceito, apesar de ser aceita como verdade, não passa de metáfora.

Entre conceito (palavra) e a coisa em si, não há nem nunca houve adequação. O conceito não é o resultado correto e confiável, uma cópia autêntica da coisa em sua forma primordial. Daí a crítica realizada pelo filósofo alemão no texto “Do Imaculado Conhecimento”, lido no início da aula.

No caso do conceito de liberdade acontece a mesma coisa. Como podemos observar nas teorias filosóficas são várias as definições, algumas semelhantes, outras nem tanto e várias bem diferentes entre si. A abstração de todas essas descrições, desconsiderando as diferenças, se formou de modo arbitrário, mediante convenção, logo, não existe adequação, tampouco verdade. Ainda que o conceito liberdade se referisse a algo muito mais específico, como o conceito folha por exemplo, ainda assim não seria o resultado correto, confiável, a cópia em sua forma primordial.

O conceito liberdade é um indecidível, na concepção derridiana do termo, porque escapa ao imperativo de toda e qualquer pergunta “o que é?” e, enquanto indecidível, se relaciona afirmativamente com seu contrário, sendo assim, só podemos seguir seus rastros, ou seja, as inscrições que estas situações deixam marcadas em nós antes que se apaguem, porque a realidade das coisas é esse rastro, essa marca de inscrições, pois a coisa em si nunca existiu. O rastro indica a passagem da situação que deixou a marca, no caso da liberdade, a sensação, a intuição imediata que as imagens provocam independente da intenção do emissor. O rastro não revela nem esconde nada ao passo que vela e desvela ao mesmo tempo.

O comodismo, a covardia frente ao insustentável, à falta de objetividade, segundo Nietzsche, é o que leva os homens a estabelecerem a distinção entre verdade e mentira. É este impulso, este amor à verdade, que leva os homens a conceituar, a fixar a verdade como um ideal à medida que esta se define como adequação ou correspondência objetiva. Esse impulso à verdade se dá por causa das consequências agradáveis que esse programa promete cumprir, a saber, “trazer paz ao homem frente à insuportável pluralização infinita de sentidos que a metáfora engendra” (NIETZSCHE, s.d., p. 66).

Neste dia em específico, percebi que, ao final da aula, os alunos estavam visivelmente cansados, confusos e um pouco desatentos. Participaram pouco da aula, apesar de chamá-los o tempo todo para o diálogo.

Na sétima aula propus a atividade (jogo) para a invenção dos personagens. Passei aos estudantes o roteiro (questões), expliquei as regras, o porquê e a importância da criação do personagem. Essa atividade foi concluída e entregue ao final da aula.

As duas últimas aulas do cronograma (nona e décima) foram reservadas para o processo de criação. Cada estudante, a partir do que assimilou das teorias sobre liberdade bem como da discussão, pautada em Nietzsche, acerca da verdade, desenvolveu sua crônica trazendo o personagem, criado nas aulas anteriores, como autor da narrativa.

As crônicas escritas pelos estudantes foram revisadas e serão editadas em um livro a ser disposto na biblioteca da escola para conhecimento de todos os atores interessados.

4.3 – Nosso olhar sobre a prática

Ainda que esta segunda etapa do nosso projeto de intervenção tenha contado com o aprendizado da primeira experiência, cujo processo bem como os resultados, procuramos avaliar cuidadosamente, visando alcançar um resultado mais satisfatório, nossas expectativas eram maiores que os resultados obtidos. Porém, não confirmaremos tampouco negaremos a exequibilidade da nossa proposta, apenas faremos sugestões acerca de algumas adequações que julgamos necessárias àqueles que, porventura vierem a tomar conhecimento deste trabalho e o queiram colocar em prática.

Quanto aos procedimentos, podemos concluir que não foram demasiados para o tempo previsto de modo que todas as atividades tiveram tempo suficiente para serem desenvolvidas. Em relação aos recursos didáticos temos algumas ponderações. Pudemos perceber que a crônica escolhida, se mostrou capaz de criar uma imagem de pensamento, além de ter se configurado num intercessor, retirando o pensamento da imobilidade, da indiferença, motivando os estudantes a pensar sobre a questão da liberdade.

Diante das várias indagações suscitadas pela leitura e interpretação da crônica, a próxima atividade planejada também se mostrou produtiva. Na primeira experiência prática, havíamos primeiro questionado o conceito de verdade como representação, desestruturando a ideia de que há correspondência entre as palavras e as coisas. Mas, chegamos à conclusão que após desestruturar, durante a investigação, os estudantes se apropriaram novamente de verdades metafísicas, as quais ficaram evidentes em suas produções.

A hipótese de que haveria a possibilidade de alcançar um resultado mais positivo se os estudantes primeiro investigassem algumas teorias filosóficas a fim de se apropriarem de algumas verdades metafísicas, as quais seriam desestruturadas posteriormente, no nosso entendimento estava evidente. O que não tínhamos como mensurar é se esta sequência facilitaria a compreensão dos estudantes acerca do que seria a desestruturação bem como a proposta de uma filosofia criativa. Só pudemos tirar algumas conclusões a partir das produções dos estudantes, as quais, de modo geral, podemos dizer que apresentam rastros de filosofias da diferença.

Os alunos, em sua grande maioria, tem dificuldade para ler e compreender textos filosóficos. Porém, como nossa primeira referência no processo de investigação foi o livro didático, já citado anteriormente, com textos de fácil compreensão, todos os alunos tiveram acesso às teorias de vários nomes de filósofos que se dedicaram a pensar sobre a liberdade ao longo da história da filosofia. Porém, a proposta deste trabalho necessitava que os estudantes aprofundassem mais seus conhecimentos acerca das teorias desses pensadores. No entanto, não tivemos êxito confiando liberdade e responsabilidade aos estudantes.

A atividade de pesquisa e aprofundamento extraclasse não foi satisfatória. Apesar de ter sugerido uma lista de nomes bastante extensa, pois o objetivo era não levar em consideração somente o critério clássico, poucos alunos apresentaram novidades durante o seminário. A grande maioria se restringiu aos autores consagrados como Espinoza, Sartre, Merleau-Ponty e que constavam no livro didático. É com relação a esse procedimento que temos algumas ponderações. Somente sugerir lista de nomes e de referências bibliográficas para que fizessem suas escolhas, não foi o suficiente. Entendemos que esta afirmação vai na contramão da nossa proposta mas, talvez um direcionamento mais específico pudesse render melhores resultados.

Quanto ao processo de criação, podemos afirmar que os estudantes se apropriaram da proposta de uma produção filosófico-literária, cuja estrutura é, segundo Derrida, regida pela lógica da não presença, o que constitui uma espécie de ficcionalidade, cuja singularidade reside no fato de assumir a lógica do *talvez*. A escrita literária que se funda na força do talvez, ou seja na licença poética de poder dizer tudo sobre qualquer coisa, desestabiliza qualquer apelo ontológico, permitindo uma escrita livre, criativa.

A crônica abaixo, transcrita na íntegra por apresentar, em sua literalidade, a estrutura do talvez diversas vezes, nos faz acreditar que o/a escritor(a) se deixou contaminar pelo literário, pela alteridade, nos apresentando uma filosofia criativa, destituída de autoridade auto atribuída. É ao mesmo tempo, uma filosofia diferente e da diferença, um pensamento que pensa o outro e um pensamento completamente outro e, portanto, capaz de abrir-se ao novo. O encontro com a alteridade do pensamento, se dá por meio de um pensamento aberto, poético, que mescla metáfora, ficção, sem inocência e, ao mesmo tempo, sem culpa.

LIBERDADE! O QUE É, O QUE É?

A busca pela liberdade é algo muito interessante, não se sabe onde ela está nem se é possível encontrá-la. Porém, essa busca é necessária, afinal, disseram que nascemos livres, que estamos condenados a ser livres mas, talvez, ser livre não seja tão simples assim! Afinal, não tenho noção do que é ser livre.

Talvez seja um sentimento momentâneo ou algo utópico. Pode até ser! Talvez seja como o sentimento de um jovem que não teme a sociedade, que não se deixa aprisionar, que sente realmente a liberdade correndo em suas veias, que a vive intensamente.

Esse desejo, essa necessidade da procura e do encontro com a liberdade é algo ansiado constantemente. No entanto, qual seria o verdadeiro sentido da liberdade? Qual é a melhor maneira de ser livre?

O pressuposto da liberdade é não ter medo. Não ter medo das responsabilidades e das consequências. Isso é tão indeterminado, faz de tudo um imenso talvez. A liberdade anda de mãos dadas com a razão. Mas, talvez, a emancipação seja a chave para a liberdade, talvez, sempre talvez.

Talvez o trem destinado a esse encontro já tenha passado, talvez ninguém tenha se dado conta. Então...

Que sejamos livres para buscar esse grande talvez e, corajosos o suficiente para correr até a próxima estação e, assim, sucessivamente até embarcarmos nesse trem.

Talvez percebamos que liberdade não é questão de ir ou vir, ter ou não ter, mas sim de ser. É condição que só se encontra mergulhando no fundo do ser humano e não em meros fetiches rasos, e talvez então, toda essa paranoia faça sentido!

No que diz respeito à lei-mor da literatura, o “*como se*”, que é outro traço do literário, na perspectiva derridiana, a produção (crônica) dos estudantes insinua um certo poder de dizer o que quiser e puder sobre qualquer coisa segundo a lógica do *como se*. Nossos alunos também criaram personagens, o que garantiu a eles a liberdade de pensar como outro. Eles pensaram sobre a questão da liberdade como se fossem feministas, homossexuais, homens, mulheres, jovens, velhos, pobres, ricos, patricinhas, dentre vários outros personagens.

Portanto, a escritura dos estudantes também se apresenta como um jogo, como errância, logo, é uma atividade produtora de rastros. Sendo assim, entendemos que houve sim a descoberta, o encontro com a alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos fazer uma abordagem da relação entre ensino, filosofia e alteridade. Foi uma tentativa de chamar para si e para a filosofia, enquanto disciplina do currículo escolar do ensino médio, a responsabilidade filosófica frente a uma possibilidade que não é simplesmente literária, mas que também faz parte dos discursos filosófico, jurídico, político, ético, que é a possibilidade de simulacro, de ficção, de criação.

No início, só tínhamos o ponto de partida, a saber, a hipótese de que é possível filosofar (pensar), sem ser grego, estar morto ou ser gênio³⁰, e algumas coordenadas, as quais acreditávamos poder nos levar até o ponto de chegada, ou seja, através do exercício filosófico, promover aos estudantes, o encontro com a alteridade do pensamento.

Para pintar esses pensamentos, ou seja, traçar esse caminho, foi necessário muitos abandonos. Foi preciso ficar órfã, viver uma experiência de vazio intelectual e solidão. Tal como um cavaleiro andante, a exemplo de Quixote, nós também não tínhamos esse caminho que trilhamos, previamente acertado, predeterminado. Pelo contrário, várias vezes soltamos as rédeas nas encruzilhadas e nos abandonamos, nos permitindo ser feitos pelo que fazíamos, e assim se fez essa aventura.

Confesso que, apesar de recolher apenas o que me caiu debaixo da mesa (palavras/conceitos), me considerei partícipe do banquete³¹ (movimento de pensamento) de Deleuze e Derrida. Sendo assim, com o pouco que compreendi de suas filosofias, uma vez que, “não é fácil [porém] compreender sangue estranho” (NIETZSCHE, 2012, p. 45), constituí minha própria experiência e fiz dela pensamento.

Seguindo os rastros da filosofia da diferença, nossos primeiros passos se deram na esteira de Nietzsche que figura, segundo os principais estudiosos da filosofia contemporânea, como o horizonte comum entre os chamados filósofos da diferença. Ainda que nosso estudo sobre o filósofo tenha se restringido a evocar alguns enunciados de um ou outro texto do mesmo, pudemos constatar o quão

³⁰ Referência ao título do livro “De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio” de Gonçalo Armijos Palácios.

³¹ Nietzsche em “Do Imaculado Conhecimento”

marcante é a presença desses textos na obra de Deleuze tanto quanto na obra de Derrida.

Segundo Deleuze,

Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: “os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhe são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles começem por fabricá-los, cria-los, afirma-los, persuadindo os homens a utilizá-los” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13-14)

É justamente essa tarefa da filosofia que Deleuze retoma ao longo de sua vida filosófica e que o leva a enfatizar que o filósofo não deve ser um colecionador de valores em curso, um funcionário da história, alguém com comportamento passivo de seguidor, que se interessa por modelos estáticos. O pensador francês retoma ainda, os caminhos propostos pelo filósofo alemão para tal empreendimento, ou seja, a relação entre pensamento e vida, a interpretação e a criação.

Deleuze apresenta seu entendimento de que quando refletimos, estamos tentando ordenar os pensamentos para se proteger do caos, no entanto, para ele refletir não é o mesmo que pensar, que equivale ao filosofar e ao criar. Mesmo sabendo que “os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 261), o filósofo propõe uma saída para tornar possível uma nova forma de pensar que não exija mais certezas definitivas.

O filósofo francês nos sugere que o pensamento não se engendra no próprio pensamento. Portanto, se nossa intenção, nas aulas de filosofia, é tornar possível o pensar (filosofar), que para o filósofo equivale ao criar, nós professores, precisamos promover encontros, atuar como poeta, como artista abrindo fendas no guarda-sol, rasgando o firmamento, fazendo passar um pouco de caos livre e tempestuoso, permitindo que o estudante veja através da fenda antes que esta seja remendada. Mas, mais importante que proporcionar ao estudante a oportunidade de ver através da fenda, é despertar e desenvolver a criatividade para que ele seja o futuro artista, aquele que vai provocar futuras fendas, operar novas e necessárias destruições, se debatendo menos contra o caos.

O contato com a produção filosófico-literária de Derrida, nos levou a questionamentos ainda mais profundos quanto a uma possível definição de filosofia bem como a tarefa que cabe a esta atividade humana. Sempre consideramos

importante e necessário, enquanto professores, se questionar e assumir uma posição quanto a tarefa da filosofia. Apesar de, a princípio, nos sentir mais à vontade com a ideia de que a filosofia tem por objetivo ambientar os homens, Derrida nos instigou a se perguntar: Qual é a tarefa da filosofia? Provocar o espanto, o tremor ou cessá-los?

O caminho que trilhamos até aqui nos leva a concluir que filosofar é pensar, criar por intermédio da linguagem. Durante a aplicação desta proposta, fomos nos convencendo de que, para provocar o pensamento, é preciso espantar, fazer tremer. E, se o objetivo da filosofia é ensinar a pensar, então é preciso filosofar de outra maneira, como cavaleiro andante, como invocador de fantasmas.

O desapego da pergunta O que é?, do anseio de exorcizar a filosofia, foram, sem dúvida, um dos maiores desafios. Apesar de boa parte da história da filosofia ter sido a história do abafamento do tremor, de lidar com a alteridade compreendendo-a, chegamos à conclusão de que esta não é a melhor maneira de lidar com a alteridade do pensamento, porque aprisiona, neutraliza, cala a voz da alteridade.

Tomando Nietzsche, Deleuze e Derrida como referência, podemos afirmar que, uma boa maneira de dar voz à alteridade é justamente a literosofia. Nesta dissertação, procuramos descrever nossos planos traçados sobre o caos e os resultados alcançados. Chegamos à conclusão de que a proposta aqui desenvolvida, não é a mais adequada, correta, perfeita, mas, tem um pouco de possível. Quanto? Fica a critério de cada leitor e leitora...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Paulo Germano Barrozo. *Literatura e intensidade ou o que (se) passa entre Kafka e Nietzsche*. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; VERAS, Alexandre (Orgs.). *Nietzsche e Deleuze: Intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARRIGUCCI, Davi. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.
- BERRENECHEA, Miguel Angel de. *“Pensamento nômade: A leitura deleuziana do aforismo de Nietzsche*. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; VERAS, Alexandre (Orgs.). *Nietzsche e Deleuze: Intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BLONDEL, Éric. *Nietzsche: A vida e a metáfora*. In: MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009.
- CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. Pp. 89-99.
- CASTELO, José. “Crônica, um gênero brasileiro”. In: *Suplemento literário Rascunho*. Curitiba, setembro/2007.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Pistas em repentes: pela invenção artística da educação, da infância e da docência*. In: GALLO, Silvio; SOUZA, Maria Regina de (Orgs.). *Educação do preconceito: Ensaios sobre poder e resistência*. Campinas: Alínea, 2004.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: Filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Pensamento nômade*. In: MARTON, Scarlett (org.) *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy*. São Paulo, Brasiliense, 1985
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2018

DERRIDA, Jacques. *Essa Estranha Instituição chamada Literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã . . . diálogos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.

DUQUE-ESTRADA, P. C. “*Derrida e a escritura*”. In: *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

DUQUE-ESTRADA, Elisabeth Muylaert. “*A literatura é a coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante que o mundo*”. In: *Revista Confraria do vento*, nº 11, novembro/dezembro de 2006.

FAÇANHA, Luciano Silva; FREITAS, Flávio Luiz de Castro; SANTOS, Jamys Alexandre Ferreira. *Possível relação entre filosofia e literatura: considerações sobre a leitura de Gilles Deleuze sobre a obra de Franz Kafka*. In: *Argumentos: Revista de Filosofia*, ano 9, n. 18 – Fortaleza, jul./dez. 2017. Acesso em 18/07/2019.

FEITOSA. C. O Que é isto – *Filosofia Pop?* In. Lins, Daniel (Org.) *Nietzsche e Deleuze: Pensamento Nômade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

FOGEL, Gilvan. *Que é Filosofia: Filosofia como exercício de finitude*. São Paulo: Ideias&Letras, 2009.

GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Orlando. *Deleuze, literatura e afirmação ontológica*. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; VERAS, Alexandre (Orgs.). *Nietzsche e Deleuze: Intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

HADDOCK-L-LOBO, Rafael. *Considerações sobre “posições” de Derrida*. In: *O que nos faz pensar*. nº. 21, maio de 2007.

HADDOCK-L-LOBO, Rafael. *O Adeus da desconstrução: Alteridade, Rastro e Acolhimento*. In: *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

HADDOCK-L-LOBO, Rafael. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Nau: Ed. PUC-Rio, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- NASCIMENTO, Evandro. *Derrida e a Literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. Niterói: EdUFF, 1999.
- NASCIMENTO, Evandro. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Livro do Filósofo*. Trad. Ana Lobo. Porto: Rés, s.d.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral*. São Paulo: Hedra, 2008.
- SKLIAR, Carlos. *A materialidade da morte e o eufemismo da tolerância*. In: GALLO, Silvio; SOUZA, Regina Maria de (Orgs). *Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência*. Campinas: Editora Alínea, 2004.
- TIBURI, Márcia. *Filosofia Pop: Poder e Biopoder*. São Paulo: Ed. Bregantini, 2011.
- VASCONCELLOS, Jorge. *A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 93, p. 1217-1227, Dec. 2005.

ANEXOS

ANEXO A - Cronograma de aplicação turma 1 – Colégio Estadual do Campo Prof Eugênio de Almeida

1ª Aula	Apresentação do projeto; Solicitação de leitura da obra <i>Capitães da areia</i> de Jorge Amado.
2ª Aula	Quizz kahoot sobre a obra <i>Capitães da areia</i> .
3ª Aula	Investigação sobre quais temas mais chamaram a atenção dos alunos; Solicitação, aos alunos, para a próxima aula imagens (recorte de jornal, revista) que representem o que é felicidade para cada um deles.
4ª Aula	Confecção do painel; Introdução ao pensamento nietzschiano em “Verdade e mentira no sentido extramoral”.
5ª Aula	Leitura da crônica “Felicidade” (Anexo)– traçando o plano de imanência.
6ª Aula	Jogo da verdade e da mentira (Anexo) – inventando personagens.
7ª e 8ª Aulas	Estudo em grupo, a partir da obra <i>“Felicidade: Dos pré-socráticos aos contemporâneos”</i> de Franklin Leopoldo e Silva.
9ª Aula	Exposição das ideias fundamentais dos principais filósofos que abordaram o tema da felicidade na Antiguidade, durante o Cristianismo

	(Idade Média), nos tempos modernos e na época contemporânea.
10^a Aula	Aula expositiva-dialogada sobre as teorias de Aristóteles e Epicuro, Santo Agostinho, Kant, Nietzsche e Freud acerca da Felicidade.
11^a e 12^a Aulas	Criação conceitual (Crônica)
13^a Aula	Entrega das produções - crônicas
14^a e 15^a Aulas	Confecção de jornal escolar

ANEXO B - Cronograma de aplicação turma 2 – Colégio Estadual Duque de Caxias

1ª Aula	Apresentação do projeto e cronograma de execução
2ª Aula	Leitura da crônica “Liberdade” de Cecília Meireles; Diálogo sobre o tema “liberdade”.
3ª Aula	Retomada do diálogo; Investigação filosófica (estudo de teorias acerca da liberdade);
4ª Aula	Investigação filosófica (estudo de teorias acerca da liberdade);
5ª Aula	Seminário sobre Liberdade
6ª Aula	Processo de desconstrução a partir do texto “Do Imaculado Conhecimento” e de fragmentos de <i>Sobre verdade e mentira</i> .
7ª Aula	Processo de desconstrução a partir do texto “Do Imaculado Conhecimento” e de fragmentos de <i>Sobre verdade e mentira</i> .
8ª Aula	Jogo da verdade e da mentira
9ª Aula	Criação de crônica
10ª Aula	Criação de crônica

ANEXO C – FELICIDADE, UMA PROMESSA! (Crônica de autoria da professora)

Esta não é uma história velha. Acontece agora, em 2018. O país anda numa situação política muito complicada como quase sempre. E eis que surge alguém prometendo ao povo que fará com que o Brasil volte a ser feliz de novo.

Esse povo, milhões de capitães, abandonados em seus direitos mais fundamentais, mesmo sem saber ao certo o que é felicidade, clamam mais que sempre por ela mas, o caminho de encontro desses infelizes com essa tal felicidade não é claro. Por quê? Talvez não exista caminho para a felicidade, ou talvez, a felicidade seja o próprio caminho

Só uma coisa é certa. Se tantos milhões de pessoas estão em busca dessa felicidade prometida, é sinal de que nenhum deles é feliz. Mas, o que é felicidade? Ora! É uma busca! Busca de quê? De que exatamente, eu não sei, apenas acredito que para ser feliz é preciso encontrar esse algo que se busca. Mas como? Onde?

A felicidade parece ser o maior desejo dos homens. O fim último de todas as ações humanas. Aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa. É a sensação de não precisar de mais nada!

Já houve quem disse que a felicidade se origina do equilíbrio e da temperança e para ensinar a ser feliz, fundou até uma escola, a Escola da Felicidade, onde ensinava que o princípio e o fim da vida feliz é o prazer. Nesta escola se aprendia que nunca é cedo ou tarde demais para ser feliz e que quem a tem, tem tudo. Quem não a tem, deve fazer de tudo para tê-la. Tudo? Tudo o quê?

Às vezes, parece que caminhamos em direção à Arcádia. Outras vezes, a felicidade parece um brinquedo que não tem!

ANEXO D - Texto extraído do livro: MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho.**
Editora Record: Rio de Janeiro, 2002. p. 07

LIBERDADE

Deve existir nos homens um sentimento profundo que corresponde a essa palavra LIBERDADE, pois sobre ela se têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem até morrido com alegria e felicidade.

Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão; nossos bisavós gritavam “Liberdade, Igualdade e Fraternidade!”; nossos avós cantaram: “Ou ficar a Pátria livre/ ou morrer pelo Brasil!”; nossos pais pediam: “Liberdade! Liberdade!/ abre as asas sobre nós”, e nós recordamos todos os dias que “o sol da liberdade em raios fúlgidos/ brilhou no céu da Pátria...” em certo instante.

Somos, pois, criaturas nutridas de liberdade há muito tempo, com disposições de cantá-la, amá-la, combater e certamente morrer por ela.

Ser livre como diria o famoso conselheiro... é não ser escravo; é agir segundo a nossa cabeça e o nosso coração, mesmo tendo de partir esse coração e essa cabeça para encontrar um caminho... Enfim, ser livre é ser responsável, é repudiar a condição de autômato e de teleguiado é proclamar o triunfo luminoso do espírito. (Suponho que seja isso.)

Ser livre é ir mais além: é buscar outro espaço, outras dimensões, é ampliar a órbita da vida. É não estar acorrentado. É não viver obrigatoriamente entre quatro paredes.

Por isso, os meninos atiram pedras e soltam papagaios. A pedra inocentemente vai até onde o sonho das crianças deseja ir (As vezes, é certo, quebra alguma coisa, no seu percurso...)

Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora (muito de outrora!...) não acreditavam que se pudesse chegar tão simplesmente, com um fio de linha e um pouco de vento! ...

Acontece, porém, que um menino, para empinar um papagaio, esqueceu-se da fatalidade dos fios elétricos e perdeu a vida.

E os loucos que sonharam sair de seus pavilhões, usando a fórmula do incêndio para chegarem à liberdade, morreram queimados, com o mapa da Liberdade nas mãos! ...

São essas coisas tristes que contornam sombriamente aquele sentimento luminoso da LIBERDADE. Para alcançá-la estamos todos os dias expostos à morte. E os tímidos preferem ficar onde estão, preferem mesmo prender melhor suas correntes e não pensar em assunto tão ingrato.

Mas os sonhadores vão para a frente, soltando seus papagaios, morrendo nos seus incêndios, como as crianças e os loucos. E cantando aqueles hinos, que falam de asas, de raios fúlgidos linguagem de seus antepassados, estranha linguagem humana, nestes andaimes dos construtores de Babel...

ANEXO E - Fragmentos de texto extraídos da obra: NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra moral*. São Paulo: Hedra, 2008.

“Em algum remoto recanto do universo, que se deságua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da história universal: mas, no fim das contas, foi apenas um minuto.” (p. 25)

“O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas” (p.36).

“[...] toda palavra torna-se de imediato um conceito à medida que não deve servir, a título de recordação, para a vivência primordial completamente singular e individualizada à qual deve seu surgimento, senão que, ao mesmo tempo, deve coadunar-se a inumeráveis casos, mais ou menos semelhantes, isto é, nunca iguais quando tomadas à risca, a casos nitidamente desiguais, portanto. Todo conceito surge pela igualação do não-igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse “folha”, tal como uma forma primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, encrespadas e pintadas, mas por mãos ineptas, de sorte que nenhum exemplar resultasse correto e confiável como cópia autêntica da forma primordial” (p.34-35).

“Então a linguagem é a expressão adequada de todas as realidades? [...] O que é uma palavra? A reprodução de um estímulo nervoso em sons (p.30). [...] Dispostas lado a lado, as diferentes línguas mostram que, nas palavras, o que conta nunca é a

verdade, jamais uma expressão adequada: pois, do contrário, não haveria tantas línguas. A “coisa em si” também é, para o criador da linguagem, algo totalmente inapreensível e pelo qual nem vale a pena esforçar-se. Ele designa apenas as relações das coisas com os homens e, para expressá-las, serve-se da ajuda das mais ousadas metáforas. De antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada em um som! Segunda metáfora” (p.31).

ANEXO F - Jogo da verdade e da mentira (Questões propostas para a invenção dos personagens) – Turma 1 (Colégio Estadual do campo Prof Eugênio de Almeida) – Tema: Felicidade

- 1- Qual é o seu nome?
- 2- Quantos anos você tem?
- 3- Você gosta de estudar? O quê?
- 4- Você tem amigos? Quem é seu (sua) melhor amigo (a)?
- 5- O que você gostaria de dizer ao seu melhor amigo (a) e não tem coragem?
- 6- Você já amou alguém?
- 7- O que você sente quando está amando?
- 8- Você se sente feliz?
- 9- A que você atribui a sua (in)felicidade?
- 10- O que mais o (a) preocupa na vida?

ANEXO G - Jogo da verdade e da mentira (Questões propostas para a invenção dos personagens) – Turma 2 (Colégio Estadual Duque de Caxias) – Tema: Liberdade

1. Qual é o seu nome?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual é o seu hobby preferido?
4. Você se considera uma pessoa extrovertida ou introvertida?
5. Você tem muitos amigos/amores? Como você imagina que eles te veem?
6. O que você considera mais importante para se cultivar uma amizade/amor?
7. Você se considera uma pessoa livre?
8. Aceitaria algo em troca da sua liberdade?
9. Existe alguma coisa que te preocupa muito atualmente? O quê? Por quê?
10. Você acredita que pode fazer a diferença neste mundo? Como?

ANEXO H - PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES – Tema: Felicidade

Felicidade, uma necessidade?

Há como encontrar a felicidade sem ter realmente razões para buscá-la? Estaria certo ir em busca dessa felicidade sem merecê-la? De fato que não, ou talvez sim!

A felicidade se encontra em diversos fatores, sejam eles reais ou irreais, mas como já dizia Nietzsche precisamos não ter medo para encontrar essa tal felicidade.

Não consigo ser feliz ao lado de alguém, pois para mim a felicidade é encontrada em minha essência, não depende de ninguém. A felicidade é ter liberdade com meu corpo e poder seguir meu próprio caminho em minha feliz, própria solidão.

Freud já dizia que cada um deve procurar por si, tornar-se feliz pois, a felicidade é uma conquista individual.

Em tudo que faço, a morte sempre vem ao meu encontro, vivo no meio de mentiras e ilusões mas, a vida não é só isso. Eu posso ser feliz! Eu quero ser Feliz!

A adrenalina de se viver a vida intensamente depende da minha autossuficiência e resulta numa explosão de felicidade.

Eu sou feliz do meu jeito e não há uma felicidade igual a outra!

Felicidade

Você já parou para pensar o que é ser feliz? O que é a felicidade?

Hoje é um novo dia e estou feliz por ter mais um dia para ser melhor do que fui ontem.

Me chamo Benedito, tenho 89 anos. Sim, sou idoso mas nem por isso vou deixar de ser feliz. Vivi uma bela vida, fiz tudo que queria enquanto pude, desde o tempo de minha infância até o dia de hoje. São tantas lembranças e histórias para contar!

Então, o que posso lhe dizer é: aproveita cada momento de sua vida, seja feliz. Mas o que é felicidade?

A felicidade pode estar em toda parte, em bens materiais, em momentos especiais mas, para mim que tenho uma longa caminhada por esse mundo, afirmo que a felicidade é se sentir bem com você mesmo, é viver a vida, fazer bem ao próximo.

Aliás, ver o sorriso do outro traz uma felicidade enorme pois posso ver que meu dia valeu a pena. Posso não ter muitos anos de vida pela frente mas, até esse dia chegar eu vou aproveitar cada momento!

Torna-te feliz!

A felicidade é um problema individual e o prazer é a realização suprema da felicidade, de modo que cada um deve procurar por si tornar-se feliz.

Se a felicidade é individual, as fontes de felicidade são as mesmas para todas as pessoas? Provavelmente sim! E o que seria a felicidade para um pobre?

Pobre de espírito ou de bens materiais e necessários? Pobre de tudo, de comida, bebida, roupa, cultura, saúde, etc e tal. Mas, a pobreza também nos ensina!

A pobreza ensina a valorizar o que se carrega no coração. Nos tornamos compassivos quando sentimos a dor do outro, quando o ajudamos. Sendo útil para alguém também somos felizes.

A essência da felicidade é não ter medo. Ela é frágil e volátil pois, só é possível senti-la em certos momentos.

Na verdade, se pudéssemos vivenciá-la de forma ininterrupta, ela perderia o valor, uma vez que só percebemos que somos felizes por comparação. Depois de um esforço violento na caça e na guerra, o homem se entrega ao repouso tendo por felicidade, sua vida!

Deus é a felicidade!

Ele já está morto mas, eu ainda o amo! Não consigo entender porque aquele dia! Por que ele? Eu também estava naquele carro.

O caminhão atingiu o lado do passageiro onde eu estava. A diferença é que eu estava usando o cinto de segurança e ele não. Escolhas!

Nós estávamos tão felizes, de casamento marcado para o final do mês. Ele vivia planejando o nosso bebê. Nem tive tempo de contar! Era para ser presente de casamento! Mas, ele morreu sem saber que nosso primeiro herdeiro já estava a caminho.

Aquele caminhoneiro acabou com nossos planos. Nos jornais, as reportagens diziam que aquele homem havia tomado drogas para não dormir e assim poder viajar a noite toda mas, seus planos não saíram conforme o esperado. Ele dormiu ao volante provocando aquele grave acidente que tirou de mim o homem que eu amava, o pai do meu filho.

Hoje, penso que talvez esse fosse o plano de Deus. Levá-lo deste mundo para que conquistasse a felicidade eterna. Só Deus é fonte de felicidade. Vou seguindo meu caminho até o dia em que poderemos ser eternamente felizes juntos no reino de Deus.

Ser ou não ser feliz, eis a questão!

Percebe-se que não é felicidade quando você chega a algum lugar e ninguém te nota, talvez porque a felicidade não está no carro novo, tampouco nas roupas novas que se está usando.

Os amigos não tem essas coisa e parecem tão mais felizes! Mas como?

Tenho tudo que alguém poderia querer, casa bonita, carro novo, roupa de marca, viajei por lugares incríveis, mas isso tudo não me fez sentir-se feliz.

Talvez para ser feliz seja necessário a atenção das pessoas, mas e quem tem dificuldade para fazer amigos? Estaria condenado a infelicidade? Ou o que falta é amizades verdadeiras?

Já não sei mais se a felicidade existe realmente ou se é coisa da nossa cabeça. Freud afirmou que a felicidade é um problema individual. Assim, nenhum conselho é válido.

Cada um deve procurar por si, tornar-se feliz. Então, se a felicidade não depende de bens materiais, não depende de outras pessoas, do que depende a conquista da felicidade?

ANEXO I - PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES – Tema: Liberdade

Liberdade

Mais um dia que cheguei do colegial e fui direto para o meu quarto sem que ninguém olhasse em meus olhos! Não notaram meu estado! Mente confusa e cansada!

Até quando eu serei essa pessoa que não se encontra? As pequenas verdades que sei sobre mim são as que constam em meu registro, mas será que é isso que me define?

Minhas mãos começam a suar, ando de um lado para outro! Centenas de perguntas surgem à minha cabeça e eu nem sequer sei responder uma só. Meu Deus, porque isso tudo de novo?

Minha mãe só sabe fazer uma única pergunta: - “Qual é o seu problema menino?”. Já nem sei mais o que responder. Não consigo levantar-me da cama, estou tão sem ânimo. Admito que preciso de ajuda para sair dessa, mas ninguém acredita.

Necessito libertar-me disso! Da minha mente, dos meus pensamentos. Eu sei que não sou o único, nem o primeiro e não serei o último a passar por isso. É isso que somos, uma geração de jovens e adolescentes perdidos, gritando silenciosamente por ajuda.

Escondo meus sentimentos e vontades por medo dessa sociedade doentia. Guardo tudo para mim e depois transbordo sozinho sem que alguém me ajude. Preciso voltar para casa!

Liberdade! Realidade ou ilusão?

Estava eu em mais uma tarde como qualquer outra na Biblioteca Municipal. Sempre sou a única nesse horário, mas hoje ao entrar, notei que havia um rapaz lendo sobre a mesa. Peguei um dos meus livros favoritos e me dirigi àquela mesa que era o único lugar para ler. Pensei um pouco, mas sem escolha, resolvi me sentar. Fiquei acanhada em interrompê-lo pedindo licença mas o fiz.

- Posso me sentar?
- É claro que sim!

Comecei a ler mas, de alguma forma a presença daquele rapaz me incomodava. O livro em suas mãos me chamou a atenção. Com certa descrição percorri os olhos nas entrelinhas e apenas decifrei a palavra liberdade. De repente sou surpreendida com ele se voltando para mim e me perguntando:

- O que você pensa sobre liberdade?
- Como é?
- Liberdade! O que você pensa sobre liberdade?
- Ah! Não sei. Acho que nunca pensei a respeito.
- Você não é livre?
- Não sei. Você é?
- Sim, eu sou!
- E porque você acha isso? Você é livre para fazer o que quiser? Pode sair do trabalho antes do horário? Pode andar acima da velocidade permitida?
- Não! Eu não faço isso! Mas eu tenho a liberdade de escolher fazer ou não!
- Mas, se você escolher fazer, terá muitos problemas!
- Isso é verdade! Mas, então você não é livre?
- Não! Achei que seria livre quando saí da casa dos meus pais para trabalhar.
- E conseguiu?
- Não! Apenas saí de uma gaiola para entrar em uma jaula.
- Mas você pode escolher ficar nessa jaula ou não.
- É impossível! Você não se sente preso também?
- Não! Mas o que é essa jaula para você?
- Algumas vezes é tudo e outras vezes é o próprio nada.
- Então para você não há escolha?

- Não! Não há!
- E se eu te convidasse para sair comigo? Você estaria diante de uma escolha!
- Você escolheria sair comigo?
- Só tem um jeito de descobrir.
- Qual?
- Você me convidar!